

janeiro de 2026 - número 49

bulunga

A REVISTA QUE NINGUÉM LÊ



neste número entrevistamos uma

MANEQUIM DE VITRINE

EDITORIAL

2026 mal começou e o mundo já acabou. Não te avisaram? É verdade o que está escrito neste bilete! Não é fake news. Acabou de acabar. Você não terá tempo para correr, para telefonar para a mamãe ou para a namorada, para gastar o saldo do cartão de crédito, para comer uma pizza margherita, para escutar uma música do Lou Reed, ou mesmo passear pelo parque Tinguí. Não vai dar tempo. Você desperdiçou os seus preciosos anos de vida fazendo besteiras, acumulando mágoas, brigando por política, estudando coisas que jamais iria utilizar na prática, fingindo acreditar em Deus e cometendo pecados irrevogáveis. O ano de 2026 chegou para pôr um fim aos abusos das autoridades abusadoras, dos hipócritas, dos bandidos e salafreiros. No mesmo pacote irão aqueles que se omitiram e se calaram. Mas não importa: é chegada a hora.

ENTREVISTA COM UMA MANEQUIM DE VITRINE

Difícil definir se o(a) nosso(a) entrevistado(a) é "ele" ou "ela", pois ambos são desprovidos de órgãos sexuais. Aparenta ser uma personagem do universo feminino, pois utiliza uma longa peruca loura e possui, na parte superior frontal do tórax, protuberâncias semelhantes a seios – mas isso as famosas "mulheres de pipiu" também têm. De qualquer maneira, resolvemos utilizar com ela o artigo feminino "a", considerando que o termo "manequim" é genérico e ela não reclamou. Esperamos não ser posteriormente processados, como normalmente ocorre com elementos de tendência progressista, que se julgam ultrajados por qualquer ação ou inação e não se cansam de judicializar as questões. Mas vamos à entrevista.

BULUNGA – Vamos direto ao ponto: o que a diferença dessas modelos internacionais?

MANEQUIM – Elas sofrem de flatulência severa. Eu não.

BULUNGA – Além dessa, você consegue apontar outra característica?

MANEQUIM – Elas quase não comem. Eu nunca como.

BULUNGA – E você não tem cérebro...

MANEQUIM – A maioria delas também não.

BULUNGA – Mas você não se incomoda em ser constantemente manipulada, de escolherem o que vai vestir ou como vai se posicionar? Às vezes é deixada totalmente nua, jogada em um canto, até que resolvem fazer a renovação do estoque de acordo com a estação. Não acha isso ultrajante?

MANEQUIM – Já me acostumei. Além do mais, em regimes socialistas é assim que fazem com o povo e ninguém reage.

BULUNGA – Não reagem porque são severamente oprimidos...

MANEQUIM – Já eu não falo porque a minha boca não se abre. Até gostaria de falar, mas não consigo.

BULUNGA – Mas e esta entrevista? Como estamos nos comunicando?

MANEQUIM – Telepatia. Nem todos são capazes de captar os nossos pensamentos. Apenas as mentes mais simplórias e pouco evoluídas conseguem. Parece que a inteligência racional cria uma barreira contra as ondas telepáticas.

BULUNGA – Está me chamando de burro?

MANEQUIM – Muitas pessoas são mais burras do que um burro.

BULUNGA – Está falando de mim?

MANEQUIM – Uma coisa me intriga: por que as pessoas mais idiotas são tão questionadoras? Não param de fazer perguntas.

BULUNGA – Você acha?

MANEQUIM – Não falei?

BULUNGA – Será uma indireta?

MANEQUIM – Vamos mudar de assunto. Não vai perguntar como faço para urinar e defecar, considerando que fico o tempo todo parada na vitrine?

BULUNGA – Ah, sim, eu ia mesmo perguntar...

MANEQUIM – Eu não faço a ingestão de alimentos sólidos ou líquidos, sua toupeira almiscarada!

BULUNGA – Espere aí: ninguém nunca me chamou de toupeira... e muito menos almiscarada. Qual o grau de ofensividade que isso implica?

MANEQUIM – Não deveria se ofender: esse é o meu jeito carinhoso de dizer que gosto de você.

BULUNGA – Então tá bom... também gosto de você. Parece que rolou uma química entre nós...

MANEQUIM – Já ouvi essa frase antes...

BULUNGA – As pessoas não sabem que você pode escutar as conversas delas na frente da loja. Sobre o que elas falam? Quais são seus sonhos?

MANEQUIM – Futilidades. Querem ser magras e elegantes como eu, mesmo que para isso tenham que se tornar um objeto de decoração. Aliás, muitas já funcionam como objetos, porém sem a mesma utilidade de um manequim, pois são ignorados por parentes, colegas, amigos e vizinhos. Algumas pessoas não representam o menor valor na sociedade em que vivem. Por isso se deprimem. Por isso querem se matar por qualquer motivo besta.

BULUNGA – Existe até um livro que fala sobre isso: "Manual para os Desesperados". Está à venda na Amazon.

MANEQUIM – Conheço. Mas não é um livro sério. O autor satiriza a si próprio. Vale apenas para dar umas poucas risadas desse tema tão perturbador.

MANEQUIM – De que adianta ter um coração pulsando no peito e não conseguir amar a si mesmo? E muito menos ao próximo.

BULUNGA – Dá para perceber que você conhece a Bíblia. Já leu?

MANEQUIM – Durante muito tempo, no imóvel ao lado, funcionava uma igreja evangélica. Eu escutava todos os cultos, diariamente. O problema é que eles gritavam muito e pediam dinheiro sem parar. Também falavam mais do diabo do que de Deus. Mas descobriram que o pastor estava envolvido em um esquema de pirâmide, com conexões com um resort de luxo e lavagem de dinheiro do crime organizado, acobertado por altas autoridades e um escritório de advocacia. Acabou fechando. Agora lá funciona uma casa de "massagens", se é que me entende...

BULUNGA – Sim, massagens. Com surpresa no final.

MANEQUIM – É isso aí! Gostei de ver: você entende dessas malandragens.

BULUNGA – Afinal, Bulunga também é cultura.

MANEQUIM – "Bulunga – A Revista que Ninguém Lê". Vocês não se cansam? Não é frustrante ter todo esse trabalho por nada?

BULUNGA – Ah, uma hora a gente deslancha. Mesmo

que postumamente.

MANEQUIM – Você peca pelo excesso de otimismo. Se estivessem nos Estados Unidos, na Alemanha ou mesmo na Austrália, fariam sucesso, porque lá eles adoram essas besteiras. Mas o brasileiro médio odeia ler. Tentem outra coisa. Abram uma pequena loja de temakis.

BULUNGA – Não temos talento para isso.

MANEQUIM – Para serem jornalistas e escritores, também não.

BULUNGA – Obrigado pelo elogio!

MANEQUIM – Hoje é de graça.

BULUNGA – Você não se sente frustrada por não ser uma Gisele Bündchen?

MANEQUIM – De jeito nenhum. Ela só tem cabelos e nariz. E anda meio desajeitada.

BULUNGA – Eu teria observado alguma pontinha de inveja nessa fala?

MANEQUIM – Inveja? Eu? Essa mulherada toda envelhece rápido e fica louca. Começam a colocar botox e outras porcarias no rosto e no corpo e viram monstros. Eu sempre serei a mesma.

BULUNGA – Mas você já começa a apresentar sinais de desgaste. Está descascando em vários pontos.

MANEQUIM – É só pintar. E trocar a peruca. Muito simples.

BULUNGA – Algum maluco já tentou fazer "bobiça" com você?

MANEQUIM – Mais de uma vez. Mas não se deram bem: sou feita de fibra de vidro e posso decepar o bôlao de quem tentar. Quer experimentar?

BULUNGA – Não, obrigado! Não sou chegado em perversões. Sou do tipo mais "conservador".

MANEQUIM – Como tem coragem de falar isso em público? Vai atrair a fúria dos esquerdistas. Vão acusá-lo de propagar valores como família, amor, religião, trabalho, prosperidade. Isso é tudo o que eles mais odeiam.

BULUNGA – Acho melhor suprimir essa parte... ou não: ninguém vai ler isso mesmo!

MANEQUIM – Vocês, da Revista Bulunga, tem muita sorte!



Saiu o sétimo número de **AMPLITUDE**, sua Revista Cristã de Literatura e Artes, com foco em ficção e poesia. Baixe a sua, é de graça!



E-books gratuitos - Games - HQs
ESPECIAIS: O caminho da autopublicação
Antologia de poemas sobre o Filho Pródigo

Número 7 - Janeiro 2026

@revistaamplitude

Ele & Ela: Antídoto para uma série ruim — Série Netflix —

Jorge F. Isah

Este mês, motivado pela ausência da minha esposa, pois estava a visitar seus parentes em B.H., resolvi assistir a uma das novas séries da Netflix — não sei se nova para a grade ou apenas para mim, já que raramente me arrisco a séries atuais, salvo indicação de amigos confiáveis. Sim, sou arredio com as novidades por vários motivos. E podem me chamar de velho e antiquado, porque não estou nem aí, e não faço qualquer questão de ser moderninho ou descolado — e, digamos, me surpreendi.

A princípio, chamou-me a atenção a presença de Jon Bernthal, ator acima da média. Esse foi o principal cha-

mariz. E, também a possibilidade de não me ver maratonando por horas a fio, algo que não tenho me entregado desde que descobri "Downton Abbey"—talvez seja o maior estímulo: uma minissérie em seis capítulos.

A história não tem nada de novo: um crime, seguido de outro crime, e outro, um detetive que era amante da primeira assassinada, um casal em crise, amizades tóxicas, garotas perversas, hipocrisia, etc, etc, e toda aquela lenga-lenga da qual já estamos acostumados.

As pistas, inicialmente, se voltam para Anna — interpretada pela mediana para baixo, Tessa Thompson — esposa do detetive Jack Harper — Bernthal —, que também é um dos primeiros suspeitos. O roteiro privilegia os clichês, não tem personagens profundos e bem caracterizados, muitas cenas soam artificiais ou incoerentes — como as de Harper soltando provas para todos os lados, enquanto realiza inquéritos nos balcões de bares e estacionamentos — mas a direção consegue manter o clima de suspense e a produção não precisou criar nada mirabolante para sustentar a atenção.

Harper é o marido traído, com o casamento destruído

pela morte da filha recém-nascida, mora com a irmã alcoólatra e tem uma sobrinha pequena. Quer mais?... Anna é uma jornalista que perdeu o cargo de âncora na TV, pelo sumiço de um ano sem deixar rastros, após a morte da bebê. Mesmo assim, é admitida na emissora e começa a trabalhar no caso dos assassinatos imediatamente, protegida do chefão Jim Pruss, personagem criado apenas para respaldar a nova ascensão na carreira de Anna.

Como em todo suspense policial, as pistas apontam ora para um, ora para outro, ora para aquele, e, sabemos, no fim, haverá uma reviravolta e aquele personagem que ninguém imagina é o verdadeiro criminoso. Tudo se encaminha para Catherine, mas quando o desfecho acontece e percebe-se que ainda faltam quase trinta minutos da série, a pergunta vem: qual será a surpresa mirabolante para enganar o espectador?

Nos livros e na dramaturgia, salvo raras exceções, as pistas levam quase inevitavelmente ao algoz e, no final, temos confirmada a autoria.

Bons escritores e dramaturgos não estão preocupados com "final apocalíptico", mas com o enredo, em produzir bons personagens, em desenvolver a trama de tal

maneira que ela sustente o livro ou peça, sem precisar de malabarismos e invenções. Não sei quando as coisas mudaram e a necessidade de uma reviravolta épica — na maioria das vezes sem sentido, como a explosão do carrinho de cachorro-quente no parque de diversões espalhar pétalas e balões coloridos ao invés de salsicha e molho de tomate.

Aqui, a despeito de haver alguns bons atores — Bernthal, Crystal R. Fox, Marin Ireland — o roteiro é tão pobre e a caracterização tão superficial que escorregam, e o chão é o lugar de todos. Tentarei não dar spoiler, mas não sei se conseguirei.

Alice, uma anciã com Alzheimer, aparece secundariamente na história. Aquele drama pessoal e familiar da protagonista, Anna, que, contudo, não a impede de negligenciá-lo, preocupada com a carreira e as disputas internas no trabalho. Em momento algum, existe empatia entre mãe e filha, e a importância da relação se dá apenas pelas sequelas do passado.

Como disse, lá em cima, os clichês são abundantes. E o fim é o ápice deles. De uma inverossimilhança patética e irrealizável, com justificativas saídas da boca de um infante assustado com a história do "Chapeuzinho Ver-

melho" – escrita por Perrault e não a versão dos Irmãos Grimm – e que decidiu estragá-la completamente.

Lembrou-me, um pouco, Tarantino, "o rei da vingança" – mas com talento – onde nada importa, apenas pagar com a mesma moeda, se possível, com juro. E os laços entre mãe e filha se reatam ou se amarram em um final feliz, sorridente, sem culpas ou desculpas.

Talvez, esteja se perguntando: "por que raios, no início, você se surpreendeu?"

Vou lhe dizer claramente: percebi o quanto a minha esposa faz falta. Peguei o telefone, liguei para ela, e ordenei o seu retorno imediato, ou faria uma besteira. Quando ela me perguntou qual besteira, disse que, além de cancelar a assinatura da Netflix, iria desaparafusar a TV da parede e jogá-la no lixo.

No dia seguinte, estávamos juntos, e assistimos "Ele & Ela". E não é que gostei?

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com



Feito homem — a jornada de uma mulher ao universo masculino

Fábio Ribas



"Norah Vincent queria saber como realmente é a vida dos homens. Muitas mulheres estão convencidas de que os homens sempre viveram melhor, em todos os sentidos. Para descobrir por si mesma se isto era verdade, e tentar detectar onde falha a percepção comum, ela fez o seguinte: por dezoito meses se disfarçou de homem. Durante este período, Norah vivenciou uma verdadeira experiência antropológica,

relatando o que observou incógnita.

Com a ajuda de um artista da maquiagem, de um trainer e de um especialista em impostação vocal, ela se infiltrou em espaços e situações que as mulheres nunca viram. Por mais de um ano e meio, aventurou-se no mundo como seu alter ego. Ned, com uma barba sempre por fazer, com o cabelo cortado escovinha, com óculos de aros metálicos e com sapatos do próprio número de Norah, 42 – um disfarce perfeito que permitiu observar e participar do mundo dos homens como se fosse um deles”.

Essa é a experiência de viver um outro gênero. Uma experiência que durou 1 ano e meio e trouxe tanto revelações à autora, lésbica, como também uma depressão da qual ela não conseguiu se livrar até que realizou um suicídio assistido.

Sete anos antes de publicar esse livro, houve a primeira experiência de troca de identidade, mas essa curta experiência não foi adiante. Fora algo bem informal e despretensioso. Contudo, foi o suficiente para a autora querer ampliar o que viveu ali numa única noite.

Desde criança, ela se vestia de homem e tinha atração por brinquedos e brincadeiras masculinas. Aqui, ela faz

a pergunta. Por que essa tendência ainda mal saía das fraldas? Ela diz que as respostas possíveis são muitas, mas ela descreve uma experiência da mãe que era atriz e ela ia sempre assistir a esses papéis em que a mãe se fazia de mulher e de homem... Fico pensando que, como logo se vê no ato falho da autora, há perguntas que fazemos e que nós mesmos respondemos. Sabemos as respostas, embora, na verdade, o que queremos é fugir delas.

Terminei o primeiro capítulo e, como leitor, já me vi sofrendo por ela. Como ela mesma diz no livro, não é um livro sobre uma transexual. Ela não teve prazer e nem alívio algum nesse papel. Quando a experiência terminou, foi mesmo um fardo que lhe saiu dos ombros. Porém, o que mais me impactou, foi que houve um sofrimento emocional, pois ela precisou enganar pessoas e ela diz que isso foi o mais complicado e que vieram daí os danos a ela, danos à saúde mental. Danos que ela entendeu como punição por ter se intrometido no mundo masculino – e essa ideia de "punição" irá acompanhá-la durante o livro até se aflorar claramente no capítulo do mosteiro.

Ao encerrar a leitura do primeiro capítulo, estava com

uma vontade enorme de consolá-la, pois ela conseguiu mostrar bem tudo o que ela sofreu naquela experiência, que, agora, conseguia narrar naquelas páginas. Eu me vi totalmente envolvido com a história de Norah. Impressionante como ela escreve de uma maneira muito envolvente. Eu sabia que, por ser homem, a leitura dessa história seria muito instigante para mim. Eu não esperava que ela, a autora, fizesse o que fez no fim do capítulo, mas não darei spoiler.

No capítulo intitulado "amizade", ela nos mostra como foi o primeiro desafio dela se passando por Ned. Ela escreve como mulher. Como ela mesma disse, ela não é uma "trans". Ela é lésbica. Ela é uma mulher e a feminilidade dela está ali bem perceptível em cada reflexão, em cada momento em que se depara com um homem e precisa se comportar também como um diante do outro. A abertura dela para aqueles homens, não duvido, só foi possível porque ela é mulher. E isso a pegou de surpresa também. Tudo muito interessante para o leitor que resolve se abrir para ouvir a autora. Paramos para pensar no que é "o ser homem" e "o ser mulher". Aquelas homens nos jogos de boliche e a busca por sair da pressão diária, fugir daquilo que todos espe-

ram e cobram deles, então, exatamente por isso, aquela cumplicidade naqueles encontros, uma amizade nutrida e sem censura entre eles. E ela os absorveu muitíssimo bem, desde o aperto de mão até o ser aquilo que o sexo masculino era naqueles encontros, em que os homens eram homens em sua amizade. Ela me fez refletir nela como mulher diante de homens e a amizade que une a esses homens, inclusive ela aborda a diferença dessa amizade e interação entre os homens comparando quando o mesmo ocorre entre mulheres.

O capítulo agora é sobre "clubes de strip-tease". Assim como eu mesmo nunca tive um grupo de amigos como aquele que ela conheceu no capítulo anterior (homens que se reúnem para uma interação esportiva masculina), eu também nunca frequentei clubes de "strip-tease". Por isso eu disse que ler como homem este livro é uma experiência inesperada. Mas, para ela, como lésbica, estar em clubes assim e ver como ela mesma digere tudo isso também é uma outra janela pela qual o leitor também olhará.

Além de tudo, mais uma vez, ela se vê despertada em seu instinto materno. Um dos presentes gera isso nela. Era um jovem de vinte e poucos anos... Estamos, aqui,

numa seara delicada. Ela fala como mulher e ela não nega que o seja. Ela mergulha no universo masculino, mas de uma maneira muito compreensiva. E ela, que nunca quis ter filhos, volta e meia se vê envolvida por esses sentimentos. Agora, eu paro de entender a autora e começo a me colocar na história. Ou melhor, quero ler este capítulo dos "clubes de strip-tease" com o meu olhar masculino.

Que analogia foi aquela da autora?! Vou tentar explicar. Ela conheceu uma dançarina que dizia que fazia aquilo não por grana, mas porque gostava de homens. Refletindo sobre isso, Norah faz a seguinte avaliação da menina:

"Mesmo que isso fosse verdade quando ela começou, o que é duvidoso, com certeza não teria continuado a pensar assim trabalhando neste ou em outros lugares desse tipo. Era um pouco como dizer que você se tornou um médico legista porque gosta de gente".

Wow! Um capítulo cru o do clube de strip-tease, seu título é "sexo"! Norah havia chamado o Jim, um dos membros da equipe de boliche do capítulo anterior, para ir junto para que ela não chegasse sozinha, mas, ainda antes da primeira noite deles numa dessas boates, há o

seguinte diálogo entre Jim e ela:

"Eu vou a alguns destes bares", disse ele, "e este é o homem de família que existe dentro de mim, e digo a mim mesmo que estas meninas eram as filhas de alguém. Alguém as colocou para dormir. Alguém as beijou e as abraçou e lhes deu amor, e agora elas estão neste buraco."

"Ou talvez alguém não tenha feito nada disso", disse eu.

"É", concordou ele. "Eu tenho pensado sobre isso também".

O capítulo "amor" é o que se concentra nos relacionamentos, ou melhor dizendo, na corte de Ned com mulheres. Há uma crítica profunda e séria às mulheres neste capítulo. A autora confessa como foi olhar para as mulheres, enquanto essas se relacionavam com ela como sendo ela Ned. Vemos as mulheres pelo olhar de uma mulher, que sempre se relacionou com mulheres, mas nunca sendo tratada por elas como um homem. Não é à toa que Norah Vincent foi destratada pelas feministas. Se o capítulo fosse escrito por um homem, inevitavelmente chamaríamos o autor de misógino. Você realmente precisa ler este livro!

Por várias vezes, peguei-me lendo como Norah, tentan-

do viver aquelas experiências da maneira mais próxima possível dela. Também, intencionalmente, li como homem, mas, indubitavelmente, como cristão. O capítulo escancara essa falta total de comunicação entre os sexos. Triste. São mundos que estão cada vez mais distantes, quanto mais avançamos nas conquistas de gênero. Eis o paradoxo! O problema, como a própria autora coloca, não é de sexo, não são os homens. As mulheres são complicadíssimas! Para mim, ou melhor, para a Bíblia, o real problema está dentro do coração do ser humano. Não adiantam conquistas ou revoluções. Tudo isso sempre serão maquiagens.

Há uma frase fantástica de Lacan citada no capítulo "amor" que, para mim, diz muito sobre o coração humano: "o amor é dar o que você não tem a quem não existe". Realmente, para o mundo sem Jesus, Lacan acertou em cheio. Só com Jesus teremos o que oferecer ao outro, enfrentando esse outro do jeito que ele realmente é.

"Vida" é o próximo capítulo. Lendo e tentando entender o porquê do título, pois não há vida ali. Há tristeza, muita tristeza e aquela metáfora do casamento, ou melhor, aquele entendimento de que aqueles homens

estão ali "casados" entre si, tanto para não precisarem (os homossexuais) chegar às vias de fato de se relacionarem com mulheres, mas terem seus contatos ali superficiais ali, como para (os heterossexuais) fugirem da sua total inabilidade de se relacionarem com o feminino. E todos, homossexuais e heterossexuais, poderem viver juntos (ainda que sós) e poderem se cuidar, ainda que isolados, e, finalmente, ser enterrados por alguém. São para estas coisas que, então, queremos casar? Pode ser. Todavia, biblicamente, o casamento entre um homem e uma mulher é, antes de tudo, para glorificar a Deus.

O mosteiro era um lugar para homens. De fato, concordo com ela, um lugar feito para que não haja mulheres. Até mesmo o incômodo de um homem afeminado era algo não bem visto por ali. Mas ela mentiu mais uma vez e isso a está destruindo por dentro, conforme vai revelando nas páginas do livro. Mentiu aos monges sobre quem ela realmente era por baixo do Ned. O mundo é triste. As pessoas estão fugindo de Deus, dos outros e de si mesmas. E isso é a causa da dor mais profunda e do desencontro entre nós. Norah, contudo, não entende isso e se esconde por trás

de seu confuso catolicismo romano.

"Trabalho". E ela escolhe como novo campo de experiência algo extremamente americano: o setor de vendas. A maioria dos funcionários eram homens. Cobrados para renderem como homens. Não as mulheres. Mas eles, sua própria identidade, masculinidade, estava associada a isso. Como ela mesma colocou no início do livro, os seus relatos não são acadêmicos, científicos ou formais. São narrativas de suas próprias experiências. São recortes, não há dúvida, todavia, recortes que ela viveu e que a transformaram. No penúltimo capítulo, ela se encontra num desses acampamentos para o resgate da masculinidade perdida, algo como deve ser esse tal de "Legendários". Mais uma surpresa deliciosa. Há uma cena em que os homens fazem desenhos e muitos desenharam Atlas e explicam que se sentem cansados de carregar tudo nas costas e num trabalho e cobranças inúteis para eles. Neste momento, ela une Atlas a Sísifo como a melhor definição desse homem moderno.

"Era uma combinação criteriosa, e talvez a descrição perfeita do homem moderno em suas maiores dificuldades e desgastado, carregando o mundo em seus

ombros e rolando-o montanha acima. Ser o homem responsável por tudo, trazia consigo toda uma série de cargas e ansiedades que raramente – se é que alguma vez – ocorreu a mim ou às feministas que eu conhecia. Nós enxergávamos isso do nosso lado, e daí parecia maravilhoso estar no poder, tomar decisões, ter escolhas, escapar do campo de trabalhos forçados do provedor/administrador doméstico. Para as mulheres ambiciosas, ter uma carreira era muito melhor do que trocar sua milionésima fralda ou ficar olhando para seu papel de parede amarelo. Quando você está se sentindo preso em uma armadilha e privado de direitos, isso não quer dizer que trabalhar dentro de um terno incômodo de flanela cinza seja algum piquenique".

O mais surpreendente nisso é que, em Jesus, o chamado não é para sermos Atlas e nem Sísifo, mas apenas seguidores de Cristo! Uma entrega voluntária para a redenção da esposa e da família e não uma condenação é o que nos ensina o Evangelho! Todavia, será que realmente cabe ao homem cristão assumir o papel de um cavaleiro que carrega sua esposa acima dos sofrimentos da vida? Jesus carregou a Igreja, pagou o preço por ela, mas não a isolou de sentimentos inevitá-

veis. Há alguma coisa aqui muito importante para uma reflexão mais profunda. Enfim, o chamado nosso não é para sermos Atlas, Hércules ou Sísifo, mas cristãos redimidos, pecadores resgatados. Estou escrevendo isto, no momento em que está todo mundo comentando aquele caso de traição do CEO no show do Coldplay. E aqui cabe corrigir Norah: nem os homens e nem as mulheres são os responsáveis por carregar o mundo em seus ombros – nós não somos Deus! Contudo, depois da sociedade moderna tirar Deus da equação, quaisquer trabalhos que façamos nos forçarão a agradecer a nós mesmos e também exigir que os outros reconheçam nossos esforços! A cosmovisão cristã, contudo, é outro olhar e vivência, mas será que os próprios cristãos sabem disso?

Para finalizar, queria deixar dois parágrafos do último capítulo em que ela organiza suas conclusões.

"É claro que ser visto como um homem afeminado me ensinou muitas coisas sobre a relatividade do gênero. A minha vida toda, fui considerada uma mulher masculina. Isso possibilitou, em parte, este projeto. Mas pensei, que, quando eu saísse como homem, algum desequilíbrio iria se corrigir e eu seria um sujeito comum, bem dentro do

espectro aceitável do gênero. Mas de repente, como homem, as pessoas estavam vendo minha feminilidade explodindo por todo lugar, e não a recebiam bem. Na verdade, nem mesmo as mulheres. Elas também queriam que eu fosse mais masculino e sexy, e às vezes também faziam suas suposições de que eu fosse homossexual, até mesmo quando saíam comigo. Daí a expressão "meu namorado gay".

"Nesse aspecto, as mulheres eram difíceis de agradar. Elas queriam que eu estivesse no controle, grotescamente grande e forte, tanto no espírito quanto no corpo, mas, ao mesmo tempo, também terno e vulnerável, subserviente a seus caprichos e dócil como um coelhinho. Queriam alguém em quem se apoiar e de quem depender, a quem olhar com respeito e ao lado de quem desfalecer, mas, apesar disso, alguém que soubesse do seu lugar reduzido no mundo pós-feminino. Mantinham sua suposta superioridade moral e sexual sobre mim e, às vezes, tentavam me manipular com ela".



Fábio Ribas é pastor, missionário, professor, poeta e escritor.
Contato: ribaseribas1@gmail.com

Crônicas Escolares III

O BILHETE

Leonardo Bruno Galdino

Todas, absolutamente todas as cartas de amor são ridículas, diz o poeta. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. Se há amor, tem de haver o ridículo. É um axioma. Ponto. Mas, poxa, ninguém merece pagar o mico que eu paguei na 2ª Série.

Quando os professores estão distraídos os alunos costumam fazer coisas inomináveis. Escrever bilhetinhos de amor é uma delas. Não me pergunte o conteúdo exato do bilhete, que eu não lembro. Devia conter algo piegas como "Te amo. Quer namorar comigo?", ou algo assim. Mas uma coisa eu sei: o bilhete tinha um endereço bem específico, e este atendia pela graça de Carmencita, da sala ao lado. Ela era realmente uma graça. Meu coração palpitava por Carmencita. Ah, Carmencita!



Éramos bem mais do que seis na minha sala, então precisei me esgueirar por entre as carteiras até chegar à porta enquanto a professora escrevia no quadro-negro (que, como todo mundo sabe, é verde, mas, olhando de longe, é negro mesmo, então parem de bobagem). Saí como um raio e encontrei a porta do meu destino, do meu fatídico destino, aberta. Antes de interromper a aula alheia com minha estabanada, estudei, juro que estudei, a rota, calculei o tempo de entrega da encomenda e possíveis saídas de emergência, caso algo desse errado. Confiante, mas ao mesmo tempo com medo de que o diretor passasse ali e perguntasse que diabos eu estava fazendo fora da sala de aula, invadi a sala e joguei o bilhete na carteira da minha índiazinha. O problema é que não estudei a rota de volta (a rigor deveria ser igual à da ida, mas não era), então aconteceu aquilo que até hoje considero o maior mico que já paguei na vida: tropecei nas cadeiras e caí estatelado como uma jaca no chão.

A dor maior não foi nem tanto pelos joelhos esfolados, ou a costela amassada, ou a canela com um calombo do tamanho de uma pitomba.

A dor maior, meus amigos, foi ver Carmencita, minha

adorável Carmencita, se juntando ao coro de gargalhadas que se abriu naquele instante. "Mateus ridículo, olha só que papelão!" – a musiquinha até hoje ressoa nos meus ouvidos. Voltei para a minha sala totalmente atônito, abalado, decepcionado comigo mesmo e com a índia dos meus sonhos de criança, a qual eu nunca soube se levou o bilhete (o que é uma outra dor).

Meu pai até hoje se ri dessa história. Ele lembra de como ficou preocupado quando começou a perceber que eu já estava sofrendo por amor, meu primeiro amor. Eu tinha oito anos à época, a idade em que o cotovelo do homem começa a doer, segundo ele. Acho que tem razão. Aliás, eita negocinho ridículo de feio é o tal cotovelo da gente, viu. Quer xingar alguém? Chame-o de "cara de cotovelo".

Leonardo Bruno Galdino - veja o perfil em
<http://www.youtube.com/user/LBGaldino>



Gás Hélio

**Um conto sobre
acolhimento e cura
e a periferia**

Sammis Reachers

Foi nomeado pela paixão do pai e fonte de sustento da família, desde antes dele fazer parte da mesma: Hélio.

Seu pai, Airton, era vendedor de balões ou bexigas infladas por gás hélio, aqueles bólidos flutuantes em forma de peixe, escudo do flamengo ou cabeça do Mickey.

Aluno destaque do sexto ano do CIEP 051 Municipalizado Anita Garibaldi, em São Gonçalo/RJ, Helinho nutria carinho todo especial pelos balões que ajudaram a nomeá-lo e a provê-lo. O menino auxiliava o

pai nos enchimentos e montagens, e sempre que podia era levado aos pontos de venda: Rotineiramente o Campo de São Bento, em Niterói, ou eventos sazonais, um aniversário de Itaboraí aqui, um feriado de São Gonçalo acolá, um festival de pipas em Maricá, por trás-os-montes. O menino já conhecia toda a Região Metropolitana do Estado do Rio.

O mesmo não ocorrera com seu predecessor em chegada na família, Heitor, irmão mais velho. Aliciado no portão de casa, ponto de revenda de drogas no depauperado bairro Jardim Catarina, cedo tomou o caminho da marginalidade.

Morreu no dia primeiro do segundo ano de carreira, a 200 metros do portão da casa do "seu Airton do Gás"; seu portão, seu pai.

Baque no sonhador Helinho, bordoadas de moer menino tenro. Notas decaíram, participação nas aulas, na igreja. Seu sangue e companheiro de pelada no quintal, seu parceiro de PlayStation, seu incentivador nas paqueras, seu torto herói se fora.

Na velha coleção de biografias achada por seu pai no lixo, nas portas de um grande edifício, ao chegar pela manhazinha lá no niteroiense Campo de São Bento,

Helinho mergulhava sua solidão. Numa das biografias, a do padre brasileiro Bartolomeu Lourenço de Gusmão, nosso primeiro inventor e pai do balão a ar quente, um estalo.

Inspirado numa prática de produção textual que aprendera na escola, o aluno destaque do Anita Garibaldi passou a escrever cartas; primeiro para si mesmo, refletindo sobre sua perda. Logo as endereçava a seu irmão. Por fim, o salto humanitário, digno de um Gusmão, uma Anita: Helinho passou a escrever ternas mensagens para pessoas que tivessem perdido alguém, tal como ele perdera. E assim surgiram "Carta a uma mãe que perdeu um filho", "Carta à criança que perdeu a avó", "Carta a quem perdeu um irmão". Contando brevemente sua história, Hélio contextualizava sua mensagem para diversos leitores em potencial.

Um belo dia, tendo imprimido uma quantidade de cópias de cada cartinha, Helinho as atou a balões inflados de hélio – não os artísticos balões vendidos pelo pai, mas a modelos simples, como as bexigas de festa de aniversário – e, subindo para a laje de sua humilde casa, soltou os balões, vagões de sonho

lotados de afeto, nos ares de sua São Gonçalo.

No primeiro dia foram 30. Quinze dias depois, o menino despachava mais 15. E assim, usando de suas economias, o menino adquiria os balões e inflava-os com os botijões de gás do pai, liberando suas mensagens pelo ar.

Em apenas três dias depois dos primeiros lançamentos, duas marcações no perfil do menino no Instagram apareceram. Pessoas curiosas, que encontraram uma das mensagens, nas quais constava também o endereço do menino e seu perfil naquela rede social. Mas demorou 45 dias para chegarem as primeiras cartas. Cartas de papel, como as de Helinho. Uma mãe e uma irmã.

"Querido menino Hélio. Encontrei seu balão pendurado nos galhos de uma árvore em Alcântara. Era de manhazinha, eu ia pro meu trabalho nos Correios. Sua mensagem me fez chorar no ônibus, pois perdi minha mãe há seis meses. Ainda sofro. Mas acredito que Deus usou você para me mandar uma mensagem de conforto. Obrigado, meu filho. Não te conheço, mas você já conquistou uma amiga."

A segunda carta – outras viriam – era de uma

adolescente de 17 anos, Ágatha. Ela vira o balão do menino caído em seu quintal, de tarde, ao chegar do cursinho pré-vestibular. Com a mensagem em mãos, Ágatha entrou no quarto de seu irmão, deitou-se em sua cama e chorou. Mateus partira já pra um ano.

"Oie!

Me chamo Ágatha, sou moradora aqui do Vila Três, em São Gonçalo também. Cara, sua cartinha chegou a mim, bem no meu quintal! Eu perdi meu irmão assim como você. Meus sentimentos por sua perda.

Sua mensagem me trouxe uma alegria que não sei expressar; era como um recado de meu irmão, dizendo para mim e minha mãe sermos fortes, que ele está bem.

Precisei escrever para você. Ia mandar mensagem no privado em seu perfil, mas resolvi escrever uma carta, assim como você. Minha primeira carta. Nem sei como enviar! Mas vou no correio me informar.

Estou escrevendo essa carta na cama de meu irmão. Minha mãe doou as coisas dele, roupas e tals, mas deixou a cama como estava. Pra lembrar dele, sabe? Mas não sei se isso é saudável, pra nós duas. Pois ambas choramos muito nesta cama. Já a peguei de

'madrugada ajoelhada aos pés da cama dele, chorando sozinha, e dizendo 'onde foi que eu errei?'. Mas somos tantas famílias nessa situação...

Hélio, venho agradecer seu gesto, sua forma de ajudar as pessoas. Você é um anjo que, não tendo asas, criou as suas com palavras e bexigas de gás. Obrigado obrigado obrigadooooo!"

Voa, Helinho. Voa e trabalha, que faltam anjos no mundo, e os que desistem, no lugar de uma segunda chance, são mortos a bala.

Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



A GRATIDÃO DO CHICO

Rosemare Gomes

Não sei se vocês vão se lembrar deste texto, não sei se já falei destas coisas ou não. Aliás, só para rememorar: a música dentre as artes é a única que se beneficia da repetição. Que fiquem aí as minhas desculpas. Bem, vamos ao caso do "macaco Chico".

Minha tia Cotinha, lá pelos lados do sul da Bahia, sozinha, abandonada pelo marido, aquele que, após o casamento com ela, se cansou de chegar por dias a fio a cavalo, com toda a energia sexual e ouvir a desculpa da tal dor de cabeça seguida por rodela de batata na testa da sua amada. Certo dia, finalmente deu ouvidos ao fiel cavalo e foi em busca de outra grama verde e sem volta. Após se ver abandonada, adotou um macaquinho jovem.

O tal ficava por lá, fazendo-lhe companhia, tendo vida de rei e sendo, talvez, o único a ouvi-la em seus lamentos, chorumes e lembranças de todo um passado com mais podres que alegrias. Contudo, depois de adulto, o Chico – era este o nome do primata – se pôs a aprontar todas as peripécias. Se tornou insuportável de conviver, dadas as suas excentricidades e variações de humor. Não que não fosse inteligente como um cão, cabrito, bezerro ou gato. Ele o era, e muito mais que qualquer animal doméstico. Ele era desregrado! Fazia o que lhe dava na pequena e esperta cabecinha.

Tal era o transtorno e trabalho, que a tia Cotinha o havia prendido no espaço onde guardava lenha seca para o fogão. Sim, a vida era bem mais difícil do que temos hoje. Comer não era apenas chamar um delivery. A vida, na Bahia, naqueles tempos, não era fácil. Os tempos eram folhasdífíceis e duros para qualquer pessoa, dos ricos aos pobres. Qualquer erro de planejamento resultaria em falta de coisas básicas como água, fogo, comida, etc.

A tia vivia em um grande sítio, "viúva prática" – mas ainda casada segundo a santa igreja – decididamen-

mente só, e, nessa altura, não tão só, já que tinha o Chico. Ele, resgatado – jargão atual – fraco, ainda filhote, com fome, abandonado, pois a mãe do bichinho havia morrido por caça ou outra coisa. Chico se tornou o filho que ela nunca teve ou teria. Apesar de toda essa ligação, Tia Cotinha perdeu a paciência e devolveu o órfão, agora adulto e forte, ao mato.

Ele não foi por gosto, mas o instinto certamente lhe dizia que havia algo mais além daquela humilde casinha na roça. Por vingança ou comodidade, conhecendo o lugar, frequentemente o macaquinho entrava por algum canto, pegava comida, fazia cocô no chão, derrubava pratos de ferro, xícaras, talheres, vassouras, etc. Aquele bichinho, que tia Cotinha imaginava ficar eternamente pequeno, cresceu, tinha quase um metro, mas o gênio de uma criança sapeca, pirracenta e incontrollável, embora fosse amoroso, do seu jeito.

Até então, essas traquinagens eram noturnas, fora das vistas da tia Cotinha, após tê-lo mandado embora de volta para o seu habitat, até que em um segundo momento, ela o flagrou em uma de suas séries de travessuras e o escorraçou de vez, dizendo-

Ihe:

— Chico! Não volte mais aqui! Você é do mato! Não sabe viver como gente! Pela segunda vez, Chico foi-se embora.

Meses se passaram. Talvez, um ano ou mais. Talvez, dois anos ou mais. Sentada na pequena cadeira com encosto rústico, olhando a paisagem, reparando nas árvores frutíferas, melancólica por ter perdido de vez a última grande companhia da vida. O coração dessa vez Ihe apertou mais e mais, como não tinha se apertado antes, e a fez pensar: "por que não Ihe perdoava as traquinagens? Por que não riu dele ao invés de esconjurá-lo? Por que não aceitara o óbvio: gente é gente, bicho é bicho — embora quase sempre bichos sejam mais amorosos que gente, na minha opinião?

Não é que, de repente, do nada, ela olha na mangueira e vê o Chico, observando-a com um olhar de carinho, fixa e calmamente. Logo após, em meio às folhas da árvore, apareceu uma macaquinha, e a seguir dois macaquinhos menores. Era a família do Chico: esposa e dois filhos! Sem palavras, ele, o Chico, estava dizendo: "obrigado por tudo que você me fez!

Encontrei o meu lugar e tenho minha própria família.
Só queria que você soubesse."

Tia Cotinha soube. Analfabeta, simples, não precisou que ninguém lhe explicasse. Estava tudo ali. Ela, feliz, viu-o descer, se aproximar e lhe dar um abraço. Em seguida partiu com a família, e tia Cotinha jamais voltou a vê-lo.

Sempre nos contava essa história, e eu, frequentemente, a reconto para mim mesma, para nunca a esquecer... e reaprender com o Chico.

Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com



(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

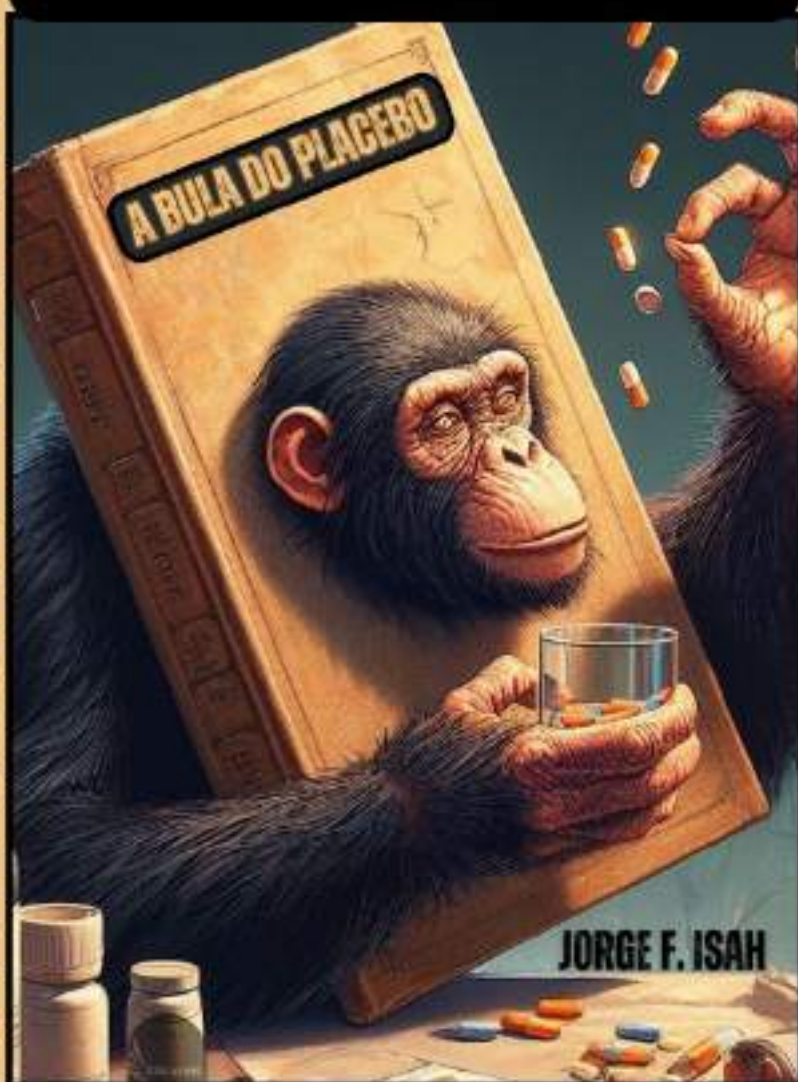
BULUNGA NEWS

O futuro nunca esteve tão presente!

EXTRA! EXTRA!

Em um mundo sem esperança, "A Bula do Placebo" surge como o remédio a lembrá-lo de que tudo não está ainda perdido, é questão de tempo. Ao tratar os grandes dilemas humanos, suas manias, pruridos e flatulências, você se sentirá revigorado. Porque, afinal de contas, o que não tem solução, solucionado está!

Junte-se a nós e resista aos glúteos e peitoris sarados, aos bate-estacas e carros de som, funks, os "Ali babás" e seu zilhões de larâpios, enquanto o "tico e teco" caem dopados e em frenesi. E talvez você seja cancelado, difamado, preso, e se veja cercado, à esquerda e direita de palpiteiros e salvadores-da-pátria. Entretanto, garantimos "A Bula do Placebo" como a solução imediata para o que não tem solução.



GARANTA O SEU EXEMPLAR!

NA AMAZON OU KALAMOS.COM.BR

DEMON SLAYER E O MAL DA “GERAÇÃO 30 SEGUNDOS NO 2X”

ANDERSON C. SANDES

O anime fenômeno *Kimetsu no Yaiba* – *Demon Slayer* – representa muito bem, em vários aspectos, a nova geração, mas não somente a nova geração, também o espírito da nova geração, que afeta até mesmo aqueles de gerações passadas. O anime é sem enrolação, sem muita explicação, em comparação com outros animes clássicos, como *Naruto* e *Dragon Ball*, dinâmico, “brilhoso”, saturado, estimulante. A narrativa é sem rodeios, o que agrada uma turma e incomoda outra, e esse é o ponto que trago.

Sou da turma que gosta do anime, mas que gostaria ainda mais se ele tivesse uma narrativa mais ampla, com mais explicações, com mais “história” na história. Penso que as lutas sejam as consequências de histórias que se cruzam: personagem A tem uma história que se choca com a história do personagem B, e há luta, conflito. Ao que parece, muitos prefeririam mais lutas, ainda que com menos contexto e menos razões.

Chegamos ao absurdo de, pelo simples fato de um vilão ter motivações explicadas, haver reclamações, sem falar na confusão do público entre "motivação" e "justificação". Sim, passamos por longo tempo de justificação da maldade de personagens, mas isso não é desculpa para um embrutecimento mental e um completo esvaziamento e empobrecimento das histórias. Entregar as motivações de um vilão não é justificar a vilania, ou seja, tornar a vilania justa. Entregar a motivação do vilão é mostrar o que motiva a sua vilania, é dar complexidade e riqueza a uma obra, é um desafio artístico. Um bom vilão eleva a obra, e um bom vilão precisa de um bom background. Claro, às vezes a diferença entre "motivação" e "justificação" encontra-se numa linha tênue e até subjetiva, a depender de como a narrativa e os demais personagens tratarão os motivos, se romantizam, se condenam, se "engolem" ou rechaçam etc.

A "geração 30 segundos no 2X" morreria diante de uma peça de Shakespeare ou de maratonar "O Senhor dos Anéis"? Tenho amigos mais velhos que, durante um filme ou série, precisam ser estimulados nas redes sociais nos momentos mais "baixos" da obra. Isso mes-

mo, rolam o feed enquanto a história, que dá fundo e razão a tudo, acontece. E assim ficam, até a obra "assistida" em segundo plano se tornar mais interessante e dopaminérgica.

Recentemente houve o lançamento do filme de Demon Slayer "Castelo Infinito", e pude ver tal queixa de modo recorrente: "o filme só tem um defeito: tem muita história — flashback, no caso." Como escritor, fico escandalizado ao ver pessoas se queixando por uma obra ter "história" na história. O que precisam? Que durante uma cena de flashback, ou conversa mais profunda, a tela seja dividida em duas partes, de um lado tenha a narrativa no 2X e do outro vídeos "satisfatórios"?

É um anime de luta, mas não se luta por nada, a menos que sejam os personagens rebeldes sem causa, o que não é o caso dos caçadores de onís. Um futuro formado pelos vícios dessa geração será o verdadeiro castelo infinito. Ou se educam para amarem mais o tempo das narrativas cinematográficas, dosando o fetiche dopaminérgico, ou terão as próprias vidas como enfadonhas, e viverão correndo feeds em busca de prazer e conforto emocional, que geralmente vem em

forma de nostalgia.

Não se trata de separar arte da vida real, pois arte se faz com pessoas reais, para pessoas reais fruírem em vida. "Consumir" arte é viver, é aprender e educar-se, e o modo como se faz traz resultados distintos. É por isso que nos importamos com a arte e como ela é feita, pois é sobre vida, realidade e futuro. Isso nos leva a outro problema: o público não quer mais arte, quer produto.

O cinema sempre viveu um dilema de ser, ao mesmo tempo, arte e produto de um mercado. A questão é que, a meu ver, o próprio público atual quer somente o produto, com exigências de mercado, enquanto rejeita a arte. A politização aberta do cinema também causou um embotamento duplo: um lado quer um produto de muita propaganda política, para agradar seu viés, e o outro, em estado constante de alerta, acaba vendo tudo como ameaça, moinhos de vento se tornam dragões, e exigem um produto também que agrade o seu viés. No final é isso, o público quer produto cinematográfico previsível, que não provoque, apenas agrade e dê prazer barato. Isso tudo deixa a indústria e os artistas do cinema numa situação ainda mais paradoxal do que era, criando uma crise de identidade. Afinal, cinema é arte⁴⁷

ou produto de mercado? A resposta é clara: ambos. Achar esse equilíbrio é arte pura, que somente um mercado saudável será capaz de alcançar – do produtor ao consumidor.

Oposição cega gera uma espécie de ressentimento até ao que é bom. Se o lado A usa muito simbolismo para defender o que gosta, o lado B, odiando o que defende o lado A, odiará até mesmo o simbolismo, que é somente uma ferramenta narrativa.

É neste ponto que chegamos. E para que a crônica não vire sermão, despeço-me!

Anderson C. Sandes – Pedagogo, poeta, cronista, ensaísta e autor de "Baseado em Fardos Reais", "Arte e Guerra Cultural: preparação para tempos de crise" e organizador da Antologia "Quando Tudo Transborda". Seus principais temas de estudo são: arte poética, história da literatura e estética.

andersonsandres.com.br



OLHOS DE FOME

An abstract painting of a face. The background is a textured yellow. Two large, intense red eyes with black pupils are the central focus. The eyes are surrounded by dark, swirling brushstrokes. Below the eyes, a simple, dark, vertical line suggests a nose. At the bottom, there are some red and dark brushstrokes that hint at a mouth. The overall style is expressive and somewhat somber.

**JÁ À VENDA NA
AMAZON**

um livro de
Michel Salomão

LANÇAMENTO



Inteligência artificial,
tempo herdado e trabalho

breve ensaio sobre uma angústia

Luiz Guilherme Libório Alves da Silva

À venda na amazon

SALADA DE BETERRABA

Natan de Oliveira



...

Tio Nicolau fez intercâmbio nos USA quando era jovem.

E lá uma família o recebeu e ele tinha o que ele chamava de Mãe Americana.

E por gratidão, imagino, se disponibilizou a receber, aqui no Brasil, jovens que queriam fazer intercâmbio.

Veio uma jovem.

Kethy.

E ele resolveu mostrar para ela o que tinha de mais lindo por estas Terras de Santa Cruz.

E a trouxe numa viagem aqui para o Sul, para mostrar a Lagoa de Laguna e Imaruí iluminada de noite.

Para mostrar as praias lindas aqui do sul.

Enfim...

E como ele sabia que eu o obedecia em tudo, sem falar comigo, ele decidiu que eu, mais ou menos da idade da Kethy, seria a companhia perfeita.

Não deu nada certo.

Eu era, ainda sou, tímido com pessoas que me são estranhas.

Ela era tímida.

No primeiro olhar, já não deu química.

E havia a barreira da língua.

Barreira intransponível, pois ela não falava bem português, só o elementar.

E o meu inglês nunca foi muito além de my name is, the book on the table, e I'm fine, thanks...

Mas, obediente, fui gentil com a moça; ela muito educada, também constrangida por ele, o tio, forçar as relações.

E assim, lá pelos meus 17 anos, fizemos juntos uma viagem para Tubarão e região.

E depois, tadinha, ela ficou um tempo na nossa casa vivendo conosco.

Ela deve ter sofrido, aquela menina, pois a nossa rotina era trabalhar ou estudar durante o dia e igreja todas as noites de fio a pavio.

E quem não é do "ramo", nada mais chato existe que isso.

Segunda, escola teológica...

Terça, culto de oração...

Quarta, ensaio do conjunto dos jovens...

Quinta, culto dos jovens...

Sexta, ensaio do coral...

Sábado, ensaio da banda, orquestra e culto de doutrina...

Domingo, escola dominical, ensaio da banda e culto público...

Nem eu aguentava tanta "santidade", imagina aquela jovem americana tendo que participar de quase tudo isso e quase todas as noites...?

Deve ter sido o pior intercâmbio da América Latina em todos os tempos.

Não bastasse, o tio Nicolau, também sem combinar comigo, resolveu me educar.

Famosa era a minha chatice pra comer.

Nada de salada!

E ele resolveu me colocar na linha, e assim provar para o meu pai José e para a minha mãe Miquita que ele conseguiria me educar em apenas uma semana aquilo que em 17 anos eles não tinham conseguido.

Lá fomos viajar para Tubarão naquele Passat branco que ele tinha.

No banco de trás, eu e Kethy mudos, trocando olhares tímidos e sem saber o que fazer, totalmente deslocados e constrangidos.

Em Florianópolis, ele me perguntou se eu conhecia algum restaurante bom.

E eu disse que perto da Ponte Nova, logo à direita, tinha uma Churrascaria Ataliba.

Ele imediatamente se interessou.

Ele era um bom garfo.

Lá chegando sentamos, e ele, quando levantamos para nos servir, disse, enérgico: "Quero que você escolha uma salada para comer hoje..."



Tensão...

Eu sabia que ele não aceitaria desobediência.

Eu sabia da minha crise de ânsia de vômito quando forçavam salada...

Minha tia Patrícia, um amor de pessoa, sempre muito sábia, deixou, em minha defesa, escapar uma interjeição: "Nicolauuuu!"

Mas ele foi irredutível!

Eu não iria desobedecer nem ser repreendido por ele na frente daquela menina americana tímida.

Me servi do que eu gostava, arroz, feijão, carne e batata frita.

E bem dividido no lado esquerdo do prato coloquei uma farta porção de beterraba.

E fui almoçar, olhando-o abertamente...

Quando ele viu o meu prato, estufou de felicidade.

Era orgulho puro.

Ele conseguira, em poucos minutos, o que meus pais não tinham conseguido em 17 anos.

Ele era o Mestre...

E eu dei corda, e comia a beterraba olhando pra ele nos olhos.

Até que não era ruim aquela coisa, que manchava de rosa todo o arroz que a gente tinha ao lado no prato.

Ele ficou tão feliz com sua capacidade de me domar, e no restante da viagem ele me deixou em paz e não mais me regulou em nada sobre comida.

Ele já havia provado o seu ponto.

Viagem feita...

Retornamos...

Ao chegarmos em Joinville, ele não se cabia de tanta satisfação, e fez questão de dizer isso para os meus pais.

"Eu, sim, eu, fiz ele comer salada na viagem..."

Meu pai José olhou pra mim, e eu queria sumir...

Apertei o botão do mudo e nada disse.

Meu pai então perguntou:

"Foi mesmo?"

"Foi sim, o segredo está na educação, eu mandei e ele comeu..."

Meu pai, então, bem paciente e incrédulo perguntou:

"Que salada ele comeu?"

"Beterraba!", ele disse; tadinho, com muito orgulho da sua capacidade de colocar na linha jovens rebeldes como eu (rebelde pra comer, no mais eu era bonzinho e tanso em tudo).

Então...

Houve um silêncio de uns 4 segundos.

Então, minha mãe Miquita, meu pai José, minha irmã Sara e meu irmão José Martins caíram numa sonora gargalhada...

KKKKKKKKKKKK

KKKKKKKKKKKK

KKKKKKKKKKKK

KKKKKKKKKKKK

KKKKKKKKKKKK

KKKKKKKKKKKK

KKKKKKKKKKKK

KKKKKKKKKKKK

O tio Nicolau ficou com ar perdido, sem entender nada e perguntando "O que foi? O que foi?"

E meu pai José disse, lentamente e rindo:

"Beterraba é a única salada que ele gosta..."

Olhei arregalado para o tio Nicolau, ele agora sabendo que eu o tinha feito de bobo. Me olhou perdido e com orgulho ferido...

Eu aperto o botão "desaparecer" e saio de perto...

Só fui vê-lo novamente na despedida, e fiquei longe.

Quando muitos meses depois nos vimos novamente, ele tinha, acho, esquecido do assunto; um homem sempre esquece dos fracassos de seu passado e se concentra nas vitórias; e, esquecido, não falou mais no assunto comigo.

Mas, depois disso, nunca mais ele tentou me fazer comer salada.

E se era contido quando lidava comigo, ficou ainda

mais contido.

Mas sempre me tratando bem.

E eu, sempre pisando em ovos com ele, retribuía com gentileza.

...

Perdoa, tio!

Mas salada não tem como.

Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.
natandeoliveira@yahoo.com.br



Lançamento:



"NA EIRA DE ORNÃ"



TODO HOMEM é um planeta

Judson Canto

Assisti, certa vez, ao primeiro filme da "quintologia", "O planeta dos Macacos", de 1968. O coronel George Taylor (Charlton Heston), depois de uma longa viagem pelo espaço, aterrissa num planeta governado por macacos desenvolvidos, cuja ocupação principal parece ser caçar humanos, estes os irracionais. No final do filme — é um clássico, não há problema em contar —, Taylor depara com a cabeça da Estátua da Liberdade emergindo da areia, e então se dá conta de que está na Terra. Percebe que a raça humana, em razão da própria maldade, causou a derrocada da civilização e permitiu que seres inferiores assumissem o poder.

Fiquei pensando que também podemos nos comparar a um planeta. Nossa vida tem sucessivas eras, tempo em que nos dedicamos à exploração dos potenciais do ser, e então construímos a nossa história com as pedras vivas — lavradas ou brutas — de nossas afeições, escolhas e

atos. A certa altura, tornamo-nos irreconhecíveis, e a constatação comum dos humanos é que depois de todas as descobertas, algo de bom se perdeu e que eles não são conquistadores, e sim conquistados. O encontro com o passado é sempre matéria de lamentação. O humano, então, põe o rosto na areia e chora a sua perda. Mas, graças a Alguém que, digamos assim, também veio do espaço, é possível corrigir o rumo dessa história. A fé nele traça o melhor roteiro para o nosso desenvolvimento. Ela permite que as sucessivas eras de nossa existência sejam degraus ascendentes de glória, um "amanhecimento" que nos leva ao dia perfeito. Assim, quando deparamos com algo do passado, percebemos que, na civilização de nós mesmos, houve real progresso, e a possibilidade de sermos subjugados pela raça inferior de nossos instintos é cada vez mais remota. Então nos prostramos ao solo, mas é para agradecer.

JUDSON CANTO foi chefe do Setor de Livros na CPAD e coordenador editorial na Editora Vida. Hoje é editor independente, revisor e tradutor.
obalido@gmail.com



Resultado "Bomba"

José Geraldo Hera



Ela passou por mim com um andar que nunca havia visto. Um andar feminino, um andar imponente, de deusa, da própria poesia que vagava pelo pátio da Escola. Meus olhos a seguiam, meus versos de menino insistiam em descrevê-la. Era um sonho.

Estava na sétima série. Dona Odete, professora de História, quase não ria, falava grosso, firme e ninguém se atrevia com ela. Disse-se me uma vez, frente a turma, que eu era inteligente, que eu seria alguém. Quando ensaiei um sorriso de vitória, disse também, que eu era malandro para os estudos. Nunca esqueci daquela mulher, brava, enérgica, mas que gostava de

mim.

Não era a malandragem que me fazia dispersar, eram meus sonhos, era Renata, que andava toda empinada com nariz para cima e óculos redondos. Passavam-se os dias, meu amor platônico ia aumentando. Renata estava nos meus versos juvenis, nas folhas dos meus cadernos e, ora ou outra, a via na imagem da professora que ensinava matemática. Meu primeiro amor de verdade, com toda força de um coração de quatorze anos, amor dos poetas românticos, inacessível.

Ela sabia disso, nunca falei, mas ela sabia. Quando estamos nesse estado, nossos olhos se encarregam de espalhar o que sentimos.

Planejei minha vida para o ano seguinte, um ano inteiro ao lado da menina mais linda da Escola. Renata cursava a sexta série e, para que o meu plano funcionasse, teria que ser reprovado. Não fiz muito esforço, assinei algumas avaliações em branco, esqueci de alguns trabalhos, Dona Odete se decepcionou comigo. Resultado "Bomba".

Tive uma falsa sensação de dever cumprido. Falsa mesmo. Traí minha Escola, minha família, meus amigos que foram para a oitava, enfim, traí a mim

mesmo. Tudo por causa de um sonho, tudo por causa de um plano idiota. Nenhum amor valia isso.

Procurei o nome de Renata na lista da minha sala. A angústia bateu mais forte, experimentei a sensação de remorso. Procurei em todas as listas da sétima, nada. Renata havia sido reprovada também.

Meu mundo caiu. O tempo para nós não passou, estávamos nas mesmas séries, no mesmo colégio, no mesmo horário. Naquele ano, inevitavelmente, eu fiquei mais velho e havia me esquecido de crescer, aliás, perdi a oportunidade.

Geraldo Hera, escritor, professor de inglês e português, poeta e letrista.

jherarezende@gmail.com



OS VENCEDORES QUE NÃO DISPUTARAM

Luiz Libório Alves da Silva

Embora eu seja brasileiro, nunca participei de uma copa do mundo de futebol. Mesmo assim, já ouvi muitos dizerem, cada qual da sua forma, que "no futebol somos pentacampeões do mundo".

Pergunto a vocês: nós quem? Ora, nós, os que torcem pelo Brasil! Mas se nós, individualmente, não estávamos no campo de futebol quando a vitória ocorreu, por que ganhamos?

Ganhamos porque a identificação da vitória no esporte ocorre a partir da exibição simbólica de um grupo, geralmente chamado de "time", que representa no jogo uma amostra maior de indivíduos, chamada de "torcida".

Explicando de forma mais simples, todos os que torcem para o Brasil vencem quando onze brasileiros vencem. É como se fosse uma vitória por amostragem.

Essa vitória por amostragem me lembra a vitória de Cristo na cruz.

"Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." - João 16:33

Porque foi na cruz que Jesus venceu o mundo, e venceu o príncipe deste mundo, fazendo com que sua torcida, a igreja, vencesse com ele.

E por igreja entendo todos os que creem em tal vitória, independente de religião.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna."- João 3:16

"Todo aquele que nele crê", por sua vez, é uma frase que justifica porque nem todos os brasileiros vencem quando onze brasileiros vencem, mas, apenas os que torcem para o Brasil. Qual a diferença?

A diferença é que há brasileiros que não torcem para o Brasil, pelo contrário, e o mesmo ocorre com Cristo; pois, mesmo ele vindo como humano, nem todos os humanos torcem por ele.

Sem falar naqueles que não acreditam na vitória de Cristo como vitória de si mesmos, como alguém que dissesse "Pelé coisa nenhuma; se eu não joguei em 1970, eu não venci".

Sendo que nossa vitória existiu e existe porque Cristo é o único que podia jogar esse jogo e vencer! Ou você acha que "seleção brasileira" tem esse nome à toa? Cristo é a seleção de Deus, jogando pelo Reino dos Céus. Eis nossa seleção! Eis nossa vitória!

"Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo. Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono." - Apocalipse 3:20,21

Amém!



Luiz Libório Alves da Silva é escritor, poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com

OLHOS DE FOME

Jorge F. Isah



Este livro foi lançado recentemente, em dezembro de 2025, mas sua gestação se deu ao longo dos últimos quarenta anos — um pouco mais ou menos: foi um parto programado e longo.

Michel Salomão esteve às voltas com a burocracia, especialmente a ainda mais burocrata e menos eficiente, a justiça. Contudo, nada o impediu de sonhar, conceber e dar à luz ao seu projeto mais ambicioso e, por que não, mais ansiado – para o pequeno círculo de amigos que estavam a par da sua criação. Nesse período, o autor produziu muito do que está em suas páginas, com o vigor, desprendimento e convicção de que o seu processo criativo era, no mínimo, estranho e estranhamente real e imaginativo, sem a distinção de onde um começava e onde o outro terminava. A realidade pode muitas vezes ser impalpável, enquanto a imaginação pode ser, por seu lado, extremamente concreta. Cabe a uma e outra suas porções de evidências e mistérios.

Pois, finalmente, "Olhos de Fome" está entre nós. Não como mais um livro, mas o livro dentro de tantos outros que a vida de Michel produziu e a maioria dos leitores não terá acesso. Se há um consolo é o de que, na personalidade surpreendente do autor – que se mistura à estranheza de suas criações – a possibilidade é real de encontrar traços e componentes que indiquem a saída do labirinto de sentimentos, afetos e paixões que

personificam o ser humano, em maior ou menor grau, nos símbolos e camadas do texto.

A obra é uma coletânea de contos escritos nas últimas décadas, sendo a maioria nos últimos três, quatro anos, com o advento da Revista Bulunga. Neles encontramos a mesma estética de surpreender o leitor com temas aparentemente banais, mas que causam desconforto e empatia, ao nos ver refletidos nas formas – ou “fôrmas” – e nos identificamos, por exemplo, com o funcionário medíocre, o megalomaniaco, o psicótico, o ranzinza, ou a mulher – do conto inicial que dá título ao livro – que, incapaz de intimidade, utiliza o sexo como forma de poder, tenta não repetir a herança violenta, mas apenas a ressignifica. Em nenhum momento, o livro é conciliador, reconfortante, ou apela para os clichês modernos.

Ainda que não exista um nítido desejo de absolvição, os temas e personagens são apenas expostos, sem sentimentalismo ou pieguice, sem atenuar os conflitos ou descaracterizá-los. Se está a procura de literatura reconfortante ou conciliadora, em que os dilemas sejam apagados em um passe de mágica, vade retro, desista. Mas se quer realmente conhecer a alma humana, com

todos os seus dramas – muitos, patéticos –, dúvidas e aquele deslocamento natural e sincero, é um prato cheio.

Porém, não se esqueça: em quase todos os escritos de Michel, você sempre encontrará aquelas pitadas – em maior ou menor grau – do humor satírico, provocativo, irônico e, por vezes, deliberadamente hiperbólico e caricatural. É assim que funciona. É assim que deve ser. Tal qual Bukowski, Stanislaw Ponte Preta e Millôr Fernandes, capazes de transformar o feio, o banal e o rotineiro em algo intenso e, às vezes, belo e otimista.

O mais engraçado, se me permite, é quando notamos o narrador a rir de si mesmo, a fazer do seu caráter, dogmas e conceitos, a base ideal para a autocaricatura e, assim, tirar sacadas e risos diante do espelho. É quando o riso do leitor ao personagem se volta ao narrador e, quase sempre, ao autor. Tem-se o círculo perfeito, inquestionável. E disso vive a boa literatura, desta capacidade autodepreciativa e nada ufanista.

Para quem "torce o nariz", atire a primeira pedra. Porém, esteja consciente de que ela pode voltar como um bumerangue.

Novo Livro de Sammis Reachers



Disponível na Amazon

QUE VENHA O SOL

Michel Salomão



Onde quer que eu vá, o sol vai atrás. A meteorologia pode até prever que haverá um dilúvio, mas basta eu chegar para o sol aparecer. Acontece sempre que vou à praia (mesmo em época de chuvas intensas) ou em qualquer outro lugar onde anunciem temporal. Não sei explicar a razão, mas já aconteceu tantas vezes que me acostumei. Chego a pensar, mas tenho medo de falar, que Deus (ou os seus anjos) reserva uma atenção especial para mim.

Quando digo que vou a tal lugar, as pessoas avisam: "não vá, estão prevendo chuvas fortes". Eu vou assim mesmo e o sol sempre vence as nuvens. Pode até chover um pouco, mas nunca o suficiente para atrapalhar a diversão. Chego a pensar que as pessoas pessimistas é que chamam a chuva. Não que as chuvas sejam ruins, mas deveriam cair somente à noite, enquanto a maioria dorme. Deveria haver um decreto federal instituindo isso.

Tive muitos episódios ruins com chuvas no passado. Quando eu era criança e morava em uma rua sem asfalto, os passatempos da meninada consistiam em jogar bola na rua e soltar pipa, que naquela região chamávamos de "papagaio": feitos com folhas de seda e duas ripas de bambu em cruz, com a parte horizontal envergada e uma grande "rabiola" de papel amarrada em linha. Quanto maior a rabiola, mais estabilidade no vôo.

E usávamos cerol. Para quem não sabe, cerol é uma mistura de vidro moído e cola de madeira derretida que passávamos na linha esticada entre os postes até secar, para depois enrolar em latas de óleo de soja, que eram finas e compridas.

O usual era passar cerol em uns cinquenta ou cem metros, o suficiente para encostar e cortar as outras

linhas no ar, e não cortar os dedos (embora cortasse – guardo marcas até hoje), quando dávamos pequenos puxões ritmados para mergulhar nosso poderoso artefato de guerra.

A "pipa" era diferente do "papagaio": feita com três ripas de bambu, com uma haste vertical e duas horizontais retas. Por serem mais rígidas, eram mais difíceis de manipular, pois enfrentavam maior resistência ao ar. Havia ainda o pique-esconde, pega-pega, polícia e ladrão, estátua... Mas soltar pipa era a brincadeira que demonstrava valentia. Brincada quase exclusivamente por meninos, que ficavam famosos pela capacidade de "tosar e aparar": cortar a linha do adversário e mergulhar para capturar o bólico inimigo. Às vezes as linhas embolavam e perdiam-se as duas peças, mas isso não tirava o mérito do combatente.

Naquela época, víamos a meninada correndo pelas ruas, olhando para cima atrás do objeto "tosado". Nem se importavam com carros, subiam em muros e telhados e se arriscavam nos fios de alta-tensão. Soubemos de dois meninos do bairro que foram eletrocutados dessa maneira.

Também havia os carrinhos de rolimã, feitos com rolamentos de rodas de carros. Eram montados artesa-

nalmente com tábuas de madeira. Nas pontas, quatro rolimãs, e a meninada descia as ladeiras sem se importar com freios – a maioria usava os próprios pés, calçados com chinelos. Poucos tinham bicicletas; a maioria era muito pobre. Não havia computadores nem smartphones, que imbecilizaram as novas gerações. Penso que o sol sempre se abre para mim porque se lembra desses tempos que não voltam mais.

FAÇA

TEATRO

Curso Profissional **& NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp
98025-1010

vagas limitadas!

MILAGRE GENÉTICO

Aldair Ribeiro dos Santos

Chico foi escolhido para uma experiência genética inédita. Os cientistas criaram um porco geneticamente modificado, o qual teria seu coração transplantado em humanos. Foram alterados os genes do coração de modo a minimizar a rejeição no corpo humano.

A cirurgia foi um sucesso. Chico recebeu um coração novo, um coração de porco. Recuperou-se muito bem e, depois de uns seis meses, levava uma vida normal. Os cientistas estavam extasiados e já começaram a replicar o transplante com órgãos diferentes em outros pacientes.

Na consulta de revisão de doze meses, Chico sentou-se diante de uma junta médica de três cientistas renomados. O Dr. Fritz, líder do projeto, ajustou os óculos e perguntou:

— Chico, os exames estão perfeitos. Mas precisamos ser honestos: depois de doze meses você sente algum efeito colateral psicológico? Algum desejo... estranho?

Chico suspirou, pronto para admitir que tinha passado o último domingo rolando na terra molhada do quintal.

– Doutor, eu preciso falar. Eu ando com uma vontade incontrolável de tomar banho de lama. Eu não consigo ver um lamaçal que já quero tirar o sapato. Eu sou um monstro?

O consultório ficou em silêncio absoluto. Os três cientistas se entreolharam. O Dr. Fritz baixou a cabeça, tirou os óculos e começou a soluçar.

– Graças a Deus, Chico! – exclamou o médico, aliviado.
– Nós achamos que era só com a gente!

Chico arregalou os olhos. Foi então que o Dr. Fritz levantou a manga do jaleco, revelando uma pele rosada e peluda.

– O transplante foi um sucesso tão grande que nós, a equipe inteira, testamos transplantes de outros órgãos do porco modificado em nós mesmos... Inclusive, nós vamos nos reunir às 17h no brejo atrás do hospital. Você leva o milho e as cascas ou a gente passa antes na feira livre?

Aldair Ribeiro dos Santos

Contista, poeta e pedagogo, membro da ALACA - Academia de Literatura Cultura e Arte da Amazônia, autor do livro polêmico e contundente “A impossível tarefa de fazer gestão democrática na escola - e outras considerações impossíveis”.

aldairars60@gmail.com



O PARADOXO DE VIVER

Jéssica Fernandes

Dizem os mais sábios que, assim que se nasce, começa-se a morrer.

Morremos todos os dias, a todo momento.

Morremos quando completamos o primeiro ano de vida, se pensarmos que a vida daquele bebê já não existe mais.

Morremos quando entramos na escola, pois passamos a conhecer o mundo e a forma como ele funciona fora do nosso núcleo familiar.

Morremos quando encontramos o primeiro amor, quando descobrimos que existem afetos diferentes daqueles aos quais estávamos acostumados.

Morremos quando fazemos grandes amigos e passamos a nos importar com outra vida além da nossa.

Morremos quando saímos da casa de nossos pais
– essa morte é bastante óbvia –
e nos tornamos adultos completos.

Morremos quando enterramos nossos pais e avós,
e precisamos lidar com dores que até então eram
inimagináveis.

Morremos quando nos tornamos pais
– dessa morte ainda não tenho conhecimento –,
mas dizem que é a morte de quase tudo o que se
conhecia até então.

E assim vamos morrendo, morrendo e morrendo,
até morrermos literalmente com a perda do nosso
fôlego de vida.

Eis o paradoxo de viver:
um eterno morrer todos os dias.

Jéssica Fernandes - formada em
letras - língua portuguesa. Cristã de
berço, grande admiradora das artes,
em especial a literatura.
jessicafcrredatora@gmail.com



DOM QUIXOTE DE LA MANCHA

— Do cavaleiro de ideais aos delírios contemporâneos —

Jorge F. Isah

Havia algum tempo que precisava, e queria, reler Dom Quixote. A primeira investida se deu na adolescência, em uma condensação (algo comum, àquela época, para os ginasianos e, com o tempo, acabou por se tornar "referência" a muitos adultos indolentes, ao menos em relação aos clássicos), e, se não me falha a memória, realizada por Monteiro Lobato ou Carlos Drummond, ou qualquer outro grande literato.

Entre os dez e quinze anos, investi nos grandes volumes em versões resumidas. À época, foi a maneira das editoras estimularem, tal qual um aperitivo, as leituras densas e volumosas a fim de aguçar os novatos, vender e usá-las como chamariz para se chegar, em breve, aos originais. Não sei se funcionou com a maioria, penso que não. Comigo, muitos me chamaram a atenção e o desejo de tê-los na íntegra, outros, nem tanto.

Lá pelos vinte anos, li Dom Quixote, mas não gostei. Na verdade, gostei, mas não foi apaixonante. Percebi o humor, a ironia de Cervantes e a crítica aos romances de cavalaria, mas não achei nada demais. Estava às voltas com existencialistas, e qualquer coisa que não fosse o sofrimento dos personagens, suas angústias, dúvidas e o sem sentido da vida, além da linguagem mais direta e menos caudalosa, não me seduzia.

Isso me leva a refletir sobre a crítica à literatura fantasiosa e, porque não, fútil: nitidamente, Dom Quixote é um farsante não intencional, desapegado em obter lucros e dividendos para si. Mas, contaminado pela leitura compulsiva dos romances de cavaleiros, princesas e batalhas, tentou reconstruir, em suas andanças e aventuras, os mesmos padrões da ficção. Cervantes entende essa literatura como algo danoso, e na boca de vários personagens critica abertamente o gênero.

Porém, Quixote é um idealista, sonhador, homem de honra, intrépido e destemido, disposto a se sacrificar por qualquer um que esteja em perigo, não segundo a realidade, mas segundo as suas concepções de realida-

de. Não é difícil a comparação com o Cristo — e toda analogia tem suas fraquezas —, onde a mente de Cervantes materializa no seu protagonista algumas características do homem perfeito, especialmente na capacidade de sofrer abnegadamente, sem se ater aos seus desejos, em primeira instância, mas vislumbrando o próximo e seus dramas. Em algum sentido, Quixote é o mártir que vê o próprio sacrifício com esperança, de ser capaz de mudar vidas, corrigir desastres, empreender justiça e redimir condenados diante de um mundo cínico e em desordem. Era a visão de Unamuno, da qual compartilho.

Ele é ao mesmo tempo herói e anti-herói, lúcido e louco, fiel mas desajeitado, realista e visionário, homem do presente que escreve o futuro preso ao passado. É uma figura fantasticamente construída com tudo o que de bom e ruim a humanidade possui.

Se Cervantes critica os folhetins romanescos de cavalaria, por outro lado também tece advertências quanto à falta de imagética, especialmente dos racionalistas, impedindo que emoções, outros conceitos e estruturas sejam transmitidas. Se Quixo-

te está errado em seus delírios e arroubos, os racionalistas também estão em suas cadeias e caixas aparentemente lógicas e factuais. Este é um ponto.

O segundo, se ao mesmo tempo em que o autor denuncia a obsessão pela literatura cavaleiresca (seria o equivalente ao "bestseller" atual), onde a padronização e a massiva exposição pública simplesmente impedia o surgimento de, digamos, a boa literatura. Entre batalhas memoráveis, dragões, monstros, exércitos sanguinários, mocinhos, donzelas e vilões poderosos, o cavaleiro andante, muitas vezes solitário, era a força a impedir a proliferação do mal. De certa forma, esse gênero afastava os letrados da época (algo em torno de 10% da população) e os mantinham alheios ao real conhecimento. O que dizer em pleno século XXI? Onde a literatura, e até mesmo a capacidade de ler e entender, tem se tornado desnecessária na visão de muitos?

Terceiro, se havia fadas, bruxas, duendes, capirotos, gigantes e fantasmas no século XVI, e, por isso, era um tipo de sublitteratura, não estariam vários títulos da atualidade enquadrados nesse escopo? Cinco, seis

séculos depois? Onde a pretensa racionalidade é cada vez mais substituída pela irracionalidade, narrativas e achismos desde os maiores exageros até os mais frívolos?

Quarto, por que os leitores, ou cinéfilos, gibimaniacos, noveleiros, voyeurs digitais, condenam tão veementemente religiosos e não as suas preferências? Se ao ver deles, os religiosos se apegam as "fantasias" e prestam um desserviço ao mundo, que raios de bem eles trazem com suas mágicas e poderes sobrenaturais? Ou apenas ao homem é permitido tê-los, mesmo imagetivamente, e Deus (ou deuses) não? Por que a religião não pode difundir seus valores enquanto as várias formas artísticas podem, sem restrições? " O que dizer de alguém com quarenta ou mais anos chorar a morte do Homem de Ferro, abraçado à miniatura da Mulher Maravilha? É fácil ver palpiteiros tecerem críticas e exigirem o cerceamento de cristãos, por exemplo, alegando os danos que o "ópio do povo" pode trazer às massas. Mas eles e seus seguidores se esbaldam em cores, barulhos, efeitos e o culto a personagens e heróis de

mentirinha, enquanto enfrentam longas filas para o novo filme da Marvel ou o "dízimo" da Netflix. Chega a ser constrangedor, no mínimo; pois é, na verdade, a transposição do mundo quixotesco para o atual, onde os dois problemas se misturam simultaneamente: pessoas que se dizem racionais, mas utilizam o mesmo escapismo dos leitores medievais, e substituem a cosmologia transcendente por mitologias seculares – e se consideram superiores e mais dignos do que religiosos. Se Cervantes vivesse hoje, constataria que pouca coisa mudou.

No Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura e seu fiel escudeiro, Sancho Pança, a imaginação e realidade nos faz rir, chorar, sonhar e encher-nos de brio, honra, coragem e amor desinteressado. Não vou me ater a detalhes da obra, pois talvez o faça na releitura do livro II... talvez. O importante é falar que Miguel de Cervantes Saavedra construiu um dos personagens mais emblemáticos e influentes da literatura mundial. Não sem razão, é apontado como o maior romance de todos os tempos. Adorado por Faulkner, que o lia ano a ano, e por tantos outros que escreveram sobre ele:

Dostoiévski, C. S. Lewis, Nabokov, Borges, Turgueniev, entre outros.

Deixo a empreitada, portanto, para os gigantes de verdade, de analisá-lo com a profundidade merecida. De minha parte, identifico-me demais com Sancho, capaz de ver o seu mestre como ele era, com seus defeitos, teimosia e delírios, mas também de admirá-lo para além do que os seus olhos viam.

Nota: Ah, mesmo a tradução do Visconde de Castilho de Azevedo, de 1876, é saborosa e nada difícil de ler. Claro que existem expressões e termos não usuais hoje em dia, mas nada que dificulte o entendimento da obra. No momento, estou lendo a tradução do Ernani Ssó, pela Editora Penguin. Tenho as traduções do Milton Amado, do Aquilino Ribeiro e uma edição 'fac-símile', provavelmente de Francisco Gouveia de Moraes, já que não encontrei referências. Falta-me a do Sérgio Molina, pela Editora 34. Então, procure qualquer uma e não faça outra coisa antes de lê-la.

O MEDO E A CORAGEM

Aldair Ribeiro Santos

O Medo e a Coragem sempre andavam por caminhos opostos. Mas um dia, por um erro de percurso, encontram-se numa encruzilhada.

– Sra. Coragem, jamais pensei em encontrá-la.

– Inusitado encontro Sr. Medo. Em geral não nos damos bem, pois onde eu estou, você não está, aliás, você sempre foge.

– Fujo, mas sobrevivo. Por que o medo é saudável e necessário. O medo salva a vida de quem o tem.

– Mas também enterra talentos, mata grandes inventos, destrói sonhos e enterra grandes descobertas.

– Como medo, sou a exaltação da prudência. As pessoas sempre me usam em atitudes de precaução. Dessa forma, me confundo até com a sabedoria e a prudência.

– Sei. As pessoas te usam mesmo é como desculpa para inúmeros “não posso” e “não consigo”. Às vezes você, Sr. Medo, é traumatizante, às vezes é grande vilão. Você é a inércia humana em pessoa e um retrocesso.

– Saiba que a inércia do medo pode ser estratégica. Um passo atrás pode levar a dois passos para frente.

– Ora, onde está o medo, está o fracasso. Onde eu, a Coragem, estou, é certo que haverá sucesso, haverá vitória e bom empreendimento. Isso é certeza.

– Já vi que não vamos nos entender, porém admiro sua coragem, Sra. Coragem.

E foram-se, tomando caminhos opostos. Como sempre foi.

MILAGRE GENÉTICO

Aldair Ribeiro Santos

Chico foi escolhido para uma experiência genética inédita. Os cientistas criaram um porco geneticamente modificado, o qual teria seu coração transplantado em humanos. Foram alterados os genes do coração de modo a minimizar a rejeição no corpo humano.

A cirurgia foi um sucesso. Chico recebeu um coração novo, um coração de porco. Recuperou-se muito bem e, depois de uns seis meses, levava uma vida normal. Os cientistas estavam extasiados e já começaram a replicar o transplante com órgãos diferentes em outros pacientes.

Na consulta de revisão de doze meses, Chico sentou-se diante de uma junta médica de três cientistas renomados. O Dr. Fritz, líder do projeto, ajustou os óculos e perguntou:

— Chico, os exames estão perfeitos. Mas precisamos ser honestos: depois de doze meses você sente algum efeito colateral psicológico? Algum desejo... estranho?

Chico suspirou, pronto para admitir que tinha passado o último domingo rolando na terra molhada do quintal.

— Doutor, eu preciso falar. Eu ando com uma vontade incontável de tomar banho de lama. Eu não consigo ver um lamaçal que já quero tirar o sapato. Eu sou um monstro?

O consultório ficou em silêncio absoluto. Os três cientistas se entreolharam. O Dr. Fritz baixou a cabeça, tirou os óculos e começou a soluçar.

— Graças a Deus, Chico! — exclamou o médico, aliviado. — Nós achamos que era só com a gente!

Chico arregalou os olhos. Foi então que o Dr. Fritz levantou a manga do jaleco, revelando uma pele rosada e peluda.

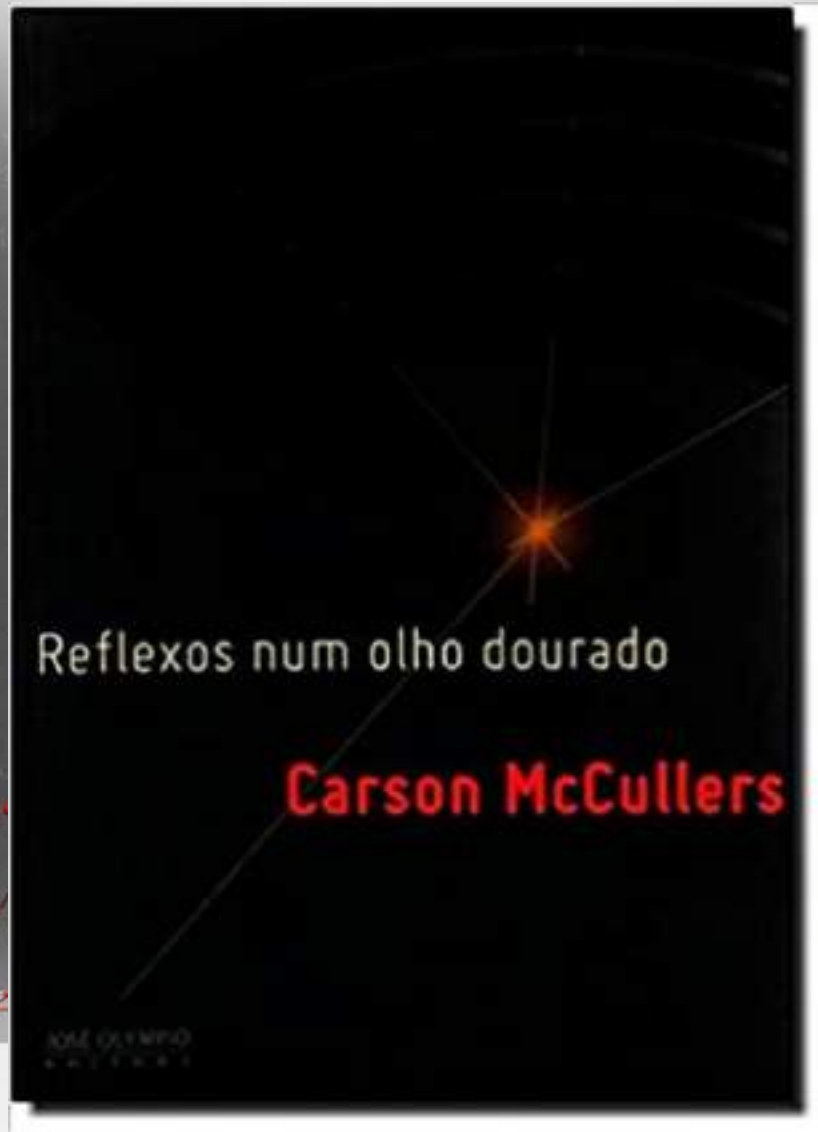
— O transplante foi um sucesso tão grande que nós, a equipe inteira, testamos transplantes de outros órgãos do porco modificado em nós mesmos...

Inclusive, nós vamos nos reunir às 17h no brejo atrás do hospital. Você leva o milho e as cascas ou a gente passa antes na feira livre?

Reflexos num olho dourado

Carson McCullers

Jorge F. Isah



Recentemente, travei contato com a obra de McCullers, por intermédio de outros autores do sul americano, como Faulkner e Flannery O'Connor, e a minha primeira incursão foi no seu romance de 1941, "Reflexos num olho dourado".

É um livro pequeno, pouco mais de 140 páginas, mas de densidade claustrofóbica e com tantas nuances – tantas quanto se possa achar. Boa parte da crítica o coloca como um livro "queer", num reducionismo irritante, pois, apesar de tocar no aspecto homossexual do protagonista, não é nem de longe o foco da narrativa.

Gastei uns três dias, mas desde o início, ainda na primeira página, percebi que não o podia tratar ligeira e superficialmente. Havia muito a desenterrar em seus escombros. Ainda assim, mesmo depois de concluído, decidi esperar um pouco para maturar as impressões e esquadriñar as que houvessem me escapado. Via de regra, não sou apressado em fazer resenhas, mas, neste caso, a prudência era ainda mais necessária.

Antes de continuar, existe um filme dirigido por John Huston e estrelado por Marlon Brando e Elizabeth Taylor, baseado na obra. Tentei encontrá-lo em vários streamings, sem sucesso. Uma pena, pois a ideia do trio trabalhar o texto de McCullers seria, no mínimo, instigante.

À primeira vista, como já disse, parece tratar de um triângulo amoroso onde o adultério e a homossexuali-

dade, aliados à hipocrisia e opressão social, parecem o âmago do tema. Mas não.

Há um gay não assumido, Capitão Penderton – casado com a femme fatale, Leonora, amante do Major Langdon, vizinho e superior do marido na base militar no sul dos EUA –, cujo segredo é protegido sob sua autoridade oficial. O mesmo não se dá com a relação adúltera entre Langdon e Leonora, a ponto de todo o "Campo" (não há nomeação da base militar) sabê-la.

Leonora, especificamente, parece pouco interessada em esconder a traição, e o seu descuido reforça a suspeita e confere ao rumor um tom de tácita autenticidade. Logo, ela não se interessa pelos sentimentos dos outros e quer, acima de tudo, provocar tensão e fazer as pessoas orbitarem nela – o único apego real e sincero, se é possível chegar a tanto, se dá em sua relação com o cavalo Firebird, um puro-sangue sob a responsabilidade de um soldado, cuja participação será descrita mais à frente.

Então, não se trata apenas de chocar a sociedade ou discutir questões meramente sexuais; sequer levantar alguma bandeira, seja ela qual for. Na história da literatura, e muito antes de Carson, houve autores mais

incisivos e explícitos quanto ao assunto.

O "Campo" é um claustro, onde os desejos se tornam obsessões, e as relações são levianas, superficiais e marcadas por forte tensão, por conflitos violentos, apesar da "normalidade". É nítido o quanto os personagens sofrem, uma aflição nada intermitente, onde a superfície camufla quase ineficientemente a angústia de suas almas. McCullers não parece disposta a permitir um único minuto de paz e, certamente, nenhum deles sabe o seu real significado – não há como procurar o que não se conhece e alcançar o que não se vê.

Existe um código desonroso entre o núcleo principal, que se relaciona em aparente amizade, com jantares, festas, recepções, de uma gentileza forçosa e artificial, onde conversas e atitudes não refletem a raiva, a indiferença e o desprezo que se tem um pelo outro. Poder-se-ia chamar essas relações de "parasitismo assimétrico", que definiria o quão prejudicial e danoso podem ser certas "colaborações" entre os homens.

No grupo secundário, temos a esposa do Major Langdon, Allison e o seu ajudante filipino, Anacleto; e ainda o soldado misterioso e circunspecto, Williams, o

cavaliário. Neste grupo, apesar de serem igualmente disfuncionais, ao menos sabem o seu papel no mundo e na vida alheia, ao contrário da outra tríade.

Penderton é um homem austero, ambicioso e covarde, que mantém um casamento de fachada e despreza intensamente a sua esposa. Leonora é uma mulher superficial, fútil e sedutora em sua beleza crepuscular. Langdon é o seu amante, um homem ao estilo macho-alfa. Não existem santos, muito menos inocentes. Todos são culpados por suas fraquezas e, em algum nível, pela debilidade alheia.

Alguns apontam a isenção da autora em evitar qualquer tipo de censura aos seus personagens, mas a maneira como ela os descreve, seus rompantes e instintos, rebate fortemente essa premissa. A incapacidade de comunicação, afetividade e compreensão, fruto da imoralidade sem freios, os leva ao caos relacional – no fundo, tudo se resume ao poder fragmentário e minguado.

Williams é um voyeur atormentado por Leonora. Ele se entrega à compulsão de vigiá-la à noite e fazer incursões até o quarto enquanto ela dorme. Ele é um adulto que se infantiliza diante da figura, de uma ima-

gem idealizada de Leonora, poderosa, magnética. Por falar nisso — talvez, no futuro, escreva algo mais abrangente —, na maioria dos casos a compulsão e os delírios sexuais, independente da monta, deficiências e justificativas, originam-se na infantilização do indivíduo, a culminar na infantilização do seu objeto de prazer, seja uma pessoa, animal ou qualquer outra coisa a movê-los numa espécie de regressão psicocomportamental. Tal qual a comilança, que parte do princípio da necessidade alimentar e descamba para a glotonaria, o exagero e a submissão ao desejo. O descontrole sempre — ou quase, vá lá! — terá por axioma o imoral e o antiético. Aqui, Carson parece entender completamente isso: adultos que se portam como adolescentes ou púberes.

Penderton é atormentado pelo corpo nu do soldado Williams e, como ele, é também um perseguidor. Procura os momentos para aproximar-se, mas é incapaz de revelar a sua atração. E isso o torna instável e vacilante.

Langdon passeia pela amante como um carteiro pela rua. Nada além do seu apetite sexual a guiá-lo.

Leonora, como disse, esconde-se em sua beleza; mas já

a vislumbra perdida, em breve.

Allison é a esposa traída, que sabe da amante do marido, mas sucumbe ao silêncio e no desejo irrealizável do divórcio.

Anacleto é o único amigo sincero, leal, protetor. Filipino e afeminado, é para Allison o que o marido não consegue ser, e, de uma maneira engraçada, serve de consciência para Langdon, na tentativa de mostrar os seus equívocos e chamá-lo à realidade. Porém, o major o vê apenas um "macaquinho" zombeteiro e provocador, uma figura exótica, a qual conserva exclusivamente para "encobrir" suas negligências quanto a Allison, e ao servir como única companhia.

Em última análise, o desfecho final não é meramente acidente, como muitos presumem. McCullers, ainda que não cite uma única vez algo transcendente, não absolve os seus personagens. Cada um, à sua maneira, é condenado por seus pecados, desvios e ausência completa de virtudes. Todos se verão culpados, e os seus desejos levam a consequências trágicas e perturbadoras. Apenas o inofensivo Anacleto escapará dessa sina, como se a consciência fugisse dos efeitos deletérios e não mais houvesse lugar para ela. Os de-

mais terão de conviver com suas escolhas – destruídos na desonra da vontade e cobiça.

E o que para alguns simboliza a liberdade, não é nada além de reflexos – o resultado de uma vida indireta – o desbotar num olho dourado.

Avaliação: (****)

Título: Reflexos num olho dourado

Autora: Carson McCullers

Editora: José Olympio

Páginas: 142





LUZ AZUL

Tenho um amigo apaixonado por livros. Ele possui uma biblioteca em casa, um quarto transformado em ambiente quase sagrado. Faz questão de deixar ligados, 24 horas por dia, dois potentes desumidificadores e uma luz azul no teto que, segundo ele, evita a oxidação do papel.

Ele morre de ciúmes da coleção, que passa de cinco mil títulos. Raras pessoas são convidadas a entrar naquele santuário. Eu fui, mas debochei de seu cuidado

exagerado. Ganhei o apoio de sua esposa e rimos muito à custa do hábito excêntrico. Sei que nunca mais serei convidado a retornar.

Certa vez, o casal contratou uma nova empregada. Querendo mostrar eficiência, logo no primeiro dia, ela aproveitou a ausência do patrão e resolveu faxinar o local. Anunciou toda feliz: "Abri todas as cortinas e janelas para deixar entrar sol e passei um pano úmido naqueles livros, que deviam estar há muito tempo sem limpeza". Meu amigo quase surtou. Foi parar no hospital.

Ele não para de adquirir novos títulos. Já gastou com livros o suficiente para comprar uma boa lancha (ele é fascinado pelo mar), mas prefere navegar em suas leituras. Coincidentemente, suas obras preferidas são *Moby Dick* e *O Velho e o Mar*. Existe gosto para tudo. Eu prefiro colecionar latas e garrafas de cerveja. Não bebo, mas gosto dos vasilhames e rótulos. Devo ter umas três mil. Guardo todas catalogadas no sótão, onde instalei uma luz negra — que é para ajudar a conservá-las.

Michel Salomão

© INVERNO DE CADA UM

Helvécio S. Pereira

Há controvérsias sobre quando e como surgimos na Terra. Pelo menos existem duas explicações adotadas, principalmente no Ocidente. Uma delas nos deixa presunçosamente superiores aos nossos ancestrais: somos mais inteligentes, mais espertos, sabemos mais coisas, vivemos mais tempo, etc. Enfim, depois de exagerados milênios ou milhões de anos, só nos últimos cento e poucos anos fizemos coisas tecnologicamente inigualáveis. Esquece-se que todos os nossos ancestrais fizeram muito mais com muito menos tempo, condições e, principalmente, mais coragem.

Alguém parou para se perguntar se hoje seria possível escolher alguns jovens de trinta anos e mandá-los atravessar dois ou três oceanos em navios quase do tamanho de um ônibus de dois pisos? Ou brigar na mão com outros milhares de guerreiros para expandir territórios ou defender suas proles? Ou passar por febres, infecções, dores de dente e fedor por todos os lados, além das lombrigas, coceiras, e alimentar-se de comida mal acondicionada?

Claro, pela infinitude de detalhes, acabei de desenhar uma caricatura, que apenas inicia o real processo de reconhecimento das pessoas, homens e mulheres que, graças aos quais estamos mais ou menos confortáveis hoje. Com todas as mazelas do mundo atual, essa ainda é a melhor época da nossa história, embora "sejamos os mesmos que nossos pais" e necessitemos da correta medida de humildade, para reconhecermos que, em certo sentido, estamos aquém deles.

Há algo de muito errado com as novas gerações. Além da fraqueza moral e da falta de disposição para buscar a verdade para além dos livros recomendados pela moda acadêmica – quase sempre de autoria de 'intelectuais' pervertidos, canonizados pelos círculos europeus –, muitos desses autores (e eu poderia citar alguns que já garantiram lugar no inferno) limitam-se a defender, de forma proselitista, prazeres nada recomendáveis aos mais jovens, aliando leviandade à presunção.

O que dizer de "mestres" que apregoam o fim da família patriarcal, enquanto vivem às custas do pai rico e da mãe socialite? E aquele outro "mestre" que defende abertamente o "uso terapêutico da maconha" e apregoa a morte dos fumantes de Camel ou Lucky Strike?

São apenas dois exemplos dos quais sou testemunha ocular, e vejo repetir-se dia após dia, num tipo de proselitismo do capeta. E aí de quem se aventure a negar esses dogmas! Será taxado dos piores nomes, acompanhado dos piores gestos, e muitos e muitos perdígotos e flatos. De nada adiantarão os seus PhD's, o notório saber, pois a simples menção de coisas inomináveis e não alinhadas ao unísono da "intelligentsia" é a prova cabal de que o papel aceita qualquer coisa.

Contudo, existe uma esperança: na história, erros patentes e evidentes não sobrevivem ao tempo. Bastará apenas que todos os erros se traduzam em fracasso para que a geração seguinte ou a que venha após essa, se dê conta antes de ser engolida pelo abismo. Se daqui para a frente as coisas mudarão – existe a chance do poste mijar no cachorro – somente o tempo dirá.

O lado ruim é que os preguiçosos, dispostos a seguir a boiada, não se salvarão, quando entrar no frígido. Mas isso é outra história.

Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



Reflexões Autobiográficas

Debora Reimpel

Meta: ser uma vovó feliz.

Meu avô era uma figura bem-humorada, que parecia estar sempre de bem com a vida. Se alguém o cumprimentasse com "tudo bem?", a resposta dele era "tudo bem é muita coisa", para então explicar que, na medida do possível, estava bem. Aprendi pelo exemplo dele que não é preciso a vida lhe fazer todos os favores para então estar de bem com ela. Ele transmitia uma sensação de sossego. Talvez você também lembre de pessoas assim. Pode ser que haja momentos de euforia ou inquietação, porém eu diria que, na sua essência, uma pessoa sossegada tende a um estado de repouso das suas emoções.

Com frequência, temos dificuldade em descansar, pensando que, com tantas demandas, o ócio seria uma perda de tempo. Porém, como já dizia o filósofo estoico Sêneca, "deve-se dar à alma algum descanso. Repousando, ela se torna mais atilada [perspicaz] para a ação". É interessante que essa necessidade parece inerente ao ser humano. Até mesmo na Bíblia, já dizia o rei Davi (que viveu cerca de 1000 a.C.), quando compôs um cântico de romagem, o salmo 131: "fiz calar e sossegar a minha alma; como a criança

desmamada se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma para comigo." Sossegar parece literalmente um segredo dos antigos...

Por outro lado, da mesma forma que existe o desassossego por fazer demais, existe aquele da falta de que fazer, bem conhecido de quem já ficou entediado no fim das férias escolares ou deprimido no primeiro mês de aposentadoria. Nesse ponto, reflito novamente sobre meu avô. Na minha adolescência e juventude, convivi de perto com meus avós, porque morávamos próximo. Vi meu avô aposentado fazer coisas que davam sentido à rotina dele, como levar os netos para a escola todos os dias, traduzir livros e até mesmo plantar um canteiro de mandioca. Era nessa atividade física e mental que ele se realizava.

Olhando para os mais experientes, tiro lições para a minha própria vida. Há anos falo que quero me tornar uma vovó feliz um dia... creio que uma atitude fundamental de sossego da alma é meio caminho andado para chegar lá.

Débora Rempel - Tradutora, revisora e escritora, gosta de explorar a riqueza da comunicação em vários idiomas. É brasileira neta de imigrantes alemães. Também apelidada de "Sol", tem uma personalidade radiante, sempre em busca de ver o lado bom da vida. Gosta de cultivar amizades, é amante da natureza e tem um blog sobre gratidão e fé chamado "Centenas de motivos".

rempeledebora@gmail.com



SPOILERS

AVATAR – FOGO E CINZAS

Para falar sobre esse filme, temos que, em primeiro lugar, falar de James Cameron, seu diretor. Não há como negar que seja um excelente diretor de cinema. Nascido no Canadá em 1954, seu primeiro filme foi *Battle Beyond the Stars*. Mais tarde, realizou efeitos especiais em *Escape from New York* e, em seguida – acreditem –, filmou *Piranhas II*, em 1981.



Ele não era necessariamente um cineasta de formação; foi estudante de Física, Língua Inglesa e Filosofia, mas acabou trabalhando como caminhoneiro antes de começar a escrever roteiros. A mudança para a Califórnia em 1971 despertou sua verdadeira vocação. O roteiro que mudaria sua vida seria recusado por dezenas de produtores até se tornar fenômeno: O Exterminador do Futuro (1984), que lançou Schwarzenegger ao estrelato.



Anos depois, superou-se com Titanic (1997), o primeiro a render mais de 2 bilhões de dólares. Mas então veio Avatar (2009), com US\$ 2,9 bilhões, e sua primeira continuação, O Caminho das Águas (2022), com US\$ 2,3 bilhões. Avatar conta a saga das criaturas azuis, magre-

las e gigantes, com traços felinos e rabo, que habitam um planeta distante. O sucesso foi estrondoso e vieram as sequências... Este é o terceiro episódio, mas deveria ter parado no primeiro.

Avatar: Fogo e Cinzas demora três horas e meia para acabar. É repleto de efeitos, perseguições e explosões, inseridos em uma história que poderia ser facilmente fazer parte de filmes como Mogli ou Pocahontas. Basicamente, o tema é uma bobeira.



Repetindo as mesmas fórmulas dos dois antecessores, ele pretende passar mensagens de heroísmo e amor que poderiam ser resumidas em 90 minutos, ou metade disso. Talvez, até menos. Parece que, para o diretor, pouco importa a duração; faz parte de um pacote de milhões que gera bilhões de dólares. Mas este último episódio não promete repetir o sucesso dos antecessores, pois ainda não alcançou a cifra de US\$ 1 bilhão.

No final, após muitas lutas, tudo fica bem. Eles conectam os rabinhos do cabelo a tudo quanto é coisa, os bichos ressuscitam ou vivem de forma holográfica. É tudo muito "lindinho", mas depois de três horas e meia, nossas nádegas saem doloridas das cadeiras.



Deuses caprichosos

e a neutralidade religiosa

Roberto Vargas Jr.

Há um pregador bastante famoso por estas plagas que certa vez deu uma entrevista e, embora seus termos obviamente fossem bem outros, dizia coisas mais ou menos assim:

"Eu já tive muito poder. Acontece que eu estava embriagado com este poder. Então me perguntam como me sinto quanto minha queda, desejam arrancar algum remorso ou arrependimento de mim. De que eu teria que me arrepender? Agora eu estou livre. Eu era escravo do pecado quando estas pessoas moralistas me elogiavam e me estimulavam no uso do poder que eu tinha."

Classicamente, é assim mesmo. Temos três grandes tentações neste mundo: o poder, o dinheiro e o sexo. O triste é que este afamado pregador se libertou de uma destas tentações, a do poder, apenas para se lançar a outra, a do sexo.

Vi recentemente a animação "Sangue de Zeus", uma série em oito episódios – disponível na Netflix. Animação adulta, certamente, não algo para crianças. Gostei bastante.

O contexto é bem conhecido, utilizando-se dos caprichosos deuses do Olimpo. A história gira em torno de irmãos gêmeos. Só que um é concebido filho de Zeus e outro de um rei. Há o ciúme de Hera por mais este bastardo e a briga do casal influenciará toda a narrativa.

Há trechos bastante interessantes, especialmente nos episódios finais. Num deles há um sacrifício do filho de Zeus que ao cristão poderá lembrar o sacrifício do Filho de Deus. Uma lembrança vaga, é verdade, mas presente.

Em outro trecho as moiras – que tecem o destino dos homens – dizem que o livre-arbítrio e o destino caminham juntos. Lembrou-me aquele trecho que tanto gosto da "Dama Verde" de Lewis em Perelandra. Um trecho que as gentes costumam encontrar arminianismo e eu vejo calvinismo pleno: Pensava – disse ela, que era transportada pela vontade daquele que amo, mas agora vejo que cami-

nho com ela. Pensava que as coisas boas que Ele me enviou me arrastavam para dentro delas como as ondas levantam as ilhas; mas agora vejo que sou eu quem nelas mergulha, pelas minhas próprias pernas e braços, como quando vou nadar. Sinto como se estivesse a viver nesse teu mundo sem teto por cima, onde os homens caminham indefesos sob o céu nu. E o encanto com terror também. O nosso próprio ser a caminhar de um bem para outro, andando ao lado d'Ele como Ele Próprio andaria, sem mesmo dar as mãos. Como é que Ele me fez tão apartada d'Ele? Como é que entrou no Seu espírito conceber tal coisa? O mundo é tão mais vasto do que eu pensava. Pensava que nós seguíamos caminhos já feitos, mas parece que não os há. O nosso ir faz o caminho. — LEWIS, C.S. Perelandra. Mem Martins: Publicações Europa-América .

Mas dizia eu que a história gira em torno de irmãos gêmeos, o filho de Zeus e o filho do rei. E não é o filho de Zeus que nos traz melhor reflexão, e sim o filho do rei.

Ele vive proscrito, porque seu tio usurpou seu trono. Entretanto, ele encontra um corpo de um gigante e se

alimenta dele. Isso o transforma em um demônio. Um demônio que, acima de tudo, é consumido pelo desejo de vingança contra seu tio.

Hera se aproveita disso e, cheia de enganos, propõe satisfazer o desejo do seu coração, exigindo, no entanto, que ele sirva de instrumento a seus propósitos e a adore, o que ele faz sob o poder dela. Relutantemente, pois.

Relutantemente porque ainda mais visceral que o desejo de vingança é seu desejo por viver de forma autônoma, livre do capricho dos deuses.

Em dado momento, tanto Zeus como seu filho lhe oferecem redenção, que ele rejeita. Ainda, no fim, ele morre em sua insistência por autonomia e vai ao Hades.

Hades então mostra a ele uma parte de sua habitação homônima e afirma que o tormento é ainda pior do que o que ele vê. Então, mais numa repetição da oferta de Hera que da oferta de Zeus e seu filho, Hades oferece novamente redenção: "se, prostrado, me adorares". O infeliz percebe, finalmente, que os deuses e seus caprichos são inevitáveis!

O que há de interessante nisso é que há muito do "homem moderno" neste personagem, com seu brado "nenhum deus, nenhum senhor", e que, entretanto, não consegue se ver livre de sua natureza indelével e inexoravelmente religiosa e adoradora.

Mesmo quando o personagem, ou o famoso pregador, ou todo e qualquer homem consumido por seu desejo por autonomia, mesmo quando qualquer um de nós pensa se livrar de um deus – seja o Vivo e Verdadeiro, seja um falso – não fazemos mais do que cair – e voluntariamente! – nas mãos de outro.

Se atentarmos bem, veremos que não são os deuses os caprichosos. Os ídolos somos nós mesmos que os fazemos. O capricho vem da idolatria de corações que se desejam autônomos.

A neutralidade religiosa é, pois, uma químera!

Roberto Vargas Jr. é brasileiro nômade, cristão reformado, casado e pai de três pródigos, não-escritor que escreve, pecador sob abundante graça. Autor do livro "RVJ, reminiscências de um blog". Escreve em <https://link.medium.com/GtnaWNh8yX>



DICAS

Restaurante YAMAGA

Se você passar por São Paulo, faça uma parada obrigatória no bairro Liberdade, para conhecer o Restaurante Yamaga. É um restaurante tradicionalmente japonês, com direito a tatames reservados, muita madeira, divisórias de ripas de madeira e papel, além daquelas lanternas que dão um toque todo especial ao ambiente.



Sempre que vou lá, tento variar o pedido, mas desta vez experimentei o Sashimi Teishoku, que vem com nove peças de peixes (atum, salmão e robalo), acompanhados de pickles de raiz de bardana, sunomono, missoshiru (sopa de missô com tofu), mifun e gohan (arroz branco). Parece simples, mas é delicioso. Da penúltima vez, comi o famoso Yakissoba de carne, que é o melhor do mundo. Em outra oportunidade, também experimentei o Sakana Teishoku, que vem com tempurá, peixe grelhado e demais acompanhamentos. Os preços não são tão altos, variando entre R\$60,00 e R\$80,00 por prato. O restaurante Yamaga fica na Rua Tomaz Gonzaga, 66 - Liberdade - São Paulo.



papo **CRISTÃO**

por **Michel Salomão**

"Não basta ser cristão: tem que participar, píssiti"! Isso é o que diria Renato Aragão, o humorista, caso fosse participar de uma campanha de evangelização.

Conheço muitos cristãos que não vão à igreja. Em princípio, não lhes tiro a razão, pois existem muitas igrejas ruins por aí, que negociam Jesus como uma "commodities".

O comércio da fé se tornou um negócio altamente lucrativo, e existem até cursos intensivos direcionados a líderes religiosos para os ajudarem alavancar a arrecadação nos cultos. Também aprendem a fazer uma espécie de standup comedy no começo da pregação, a gritarem, exaltados, nos próximos vinte minutos, assustando os presentes, para, ao final darem uma "assoprada", com um fundo musical suave do teclado.

Ainda assim você deve buscar uma igreja. Cristianismo é comunhão. Não basta ler a Bíblia e

ficar isolado em seu mundinho esterilizado de pecados. Você precisa espalhar o Evangelho pelo mundo. É uma ordem.

Tem gente que afirma que você não pode deixar a sua igreja, por pior que seja o seu padre ou pastor, por mais que descubram maracutaías na direção e por mais hostis que sejam alguns de seus membros. Isto é um absurdo! Você tem a liberdade para ir e vir e pode, sim, buscar um lugar onde se sinta bem.

Deixe-me explicar isso direito: sentir-se bem não quer dizer sentir-se iludido, com falsas promessas de prosperidade. É sentir-se aliviado do peso de seus pecados. É sentir de perto a possibilidade de sua salvação, com base nos bons exemplos que vê em seu líder e membros, baseados na conduta de Jesus. É sentir-se acolhido. É um ajudando o outro. Isto é igreja. Mas, principalmente, é saber que, nesse lugar, estará recebendo bons ensinamentos, para poder espalhá-los para os que ainda estão perdidos.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, nessa passagem de ano fiz tudo de acordo com o protocolo: comi arroz com lentilha, vesti roupas brancas, pulei três ondas, tomei uma taça de cidra, e anotei em um papelzinho três desejos. Será o suficiente para que o meu ano seja bom?

Nelson - Faltou comer um punhado de alfafa.

Minha família era muito unida, a gente se divertia, viajava juntos, comemorávamos os aniversários, e no fim do ano escolhíamos uma casa para passar o natal e o ano novo, mas depois que meu pai morreu virou uma guerra por causa da herança. Será que existe algum jeito de voltar ao que era antes?

Nelson - Ainda não inventaram a máquina do tempo, mas parece que a máquina da verdade já está à venda, e se você a utilizar ficará sabendo que era tudo falsidade.

Nelson, estou na dúvida se compro ou não um cachorro. Dizem que dá muito trabalho, que tem que vacinar, dar comida, limpar cocô e xixi, passear com ele pelo menos duas vezes ao dia e levar ao veterinário. E a despesa é muito alta..

Nelson - Troque o seu cachorro por uma criança pobre, como dizia Eduardo Duzek.

Eu gostava mais da revista quando tinha piadas e crônicas engraçadas. Parece que agora vocês entraram em uma onda de intelectualidade e só publicam temas que provocam reflexão. Isso é muito chato.

Nelson - Concordo com você. É por isso que agora só leio O Globo, a Folha de São Paulo e o Estadão. O que eles publicam não é nada sério.

Nelson, eu quero arranjar uma atividade que me proporcione uma renda suficiente para sobreviver, mas sem me esforçar muito.

Nelson - Inscreva-se em um dos programas do governo como "bolsa família", "bolsa presidiário" e outras bolsas e nunca mais precisará trabalhar em sua vida.